

EDUARDO FLÁVIO ZARDO

OS IMPACTOS ECONÔMICOS DO TURISMO

Um Estudo de Metodologias

Trabalho apresentado ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Planejamento e Gestão do Turismo, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista, do Departamento de Turismo, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal Paraná.

Orientação: Prof. Dr. Miguel Bahl

**Curitiba
2000**

Através do trabalho, o ser humano, ao produzir algo,
produz também a si próprio.

Portanto, quando deste trabalho são retirados
todos os elementos desafiadores, criativos, prazerosos e
principalmente a possibilidade do indivíduo deliberar sobre
seu próprio desempenho e participar na definição dos objetivos
de seus esforços, o que resta?

Somente o bagaço do trabalho.

Toda substância, o que daria sentido a ação humana,
foi extraída e, nesse processo, extraiu-se também a possibilidade do ser
humano fazer-se alguém,

Digno, saudável, alegre, criativo, responsável,
enfim, um ser integral.

Autor Desconhecido

AGRADECIMENTOS

**Aos meus familiares
pelo estímulo, dedico esta obra do saber.**

**Aos meus professores e amigos
pela orientação, agradeço por ter concluído mais uma importante
etapa da minha escalada humana e profissional.**

Em especial, agradeço

Miguel Bahl,

Lívia Mari Kohiyama.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	v
LISTA DE REDUÇÕES.....	v
APRESENTAÇÃO	vi
RESUMO	vii
INTRODUÇÃO.....	8
1 REVISÃO DA LITERATURA DE ECONOMETRIA E TEOROMETRIA.....	13
1.1 ATIVIDADES QUE SERÃO CONSIDERADAS CORRELATAS À TURÍSTICA	15
2 METODOLOGIAS QUE ANALISAM OS IMPACTOS ECONÔMICOS DO TURISMO	24
2.1 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS METODOLOGIAS ESTUDADAS	24
2.1.1 <i>Metodologia da Organização Mundial do Turismo – OMT</i>	25
2.1.2 <i>A Metodologia da World Travel & Tourism Council – WTTC</i>	34
2.1.3 <i>Metodologia Adotada por Manuel Figuerola Palomo</i>	45
2.1.4 <i>Metodologia da Paraná Turismo</i>	48
3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	51
3.1 ANÁLISE DAS METODOLOGIAS PARA ANÁLISE DOS IMPACTOS ECONÔMICOS DO TURISMO	51
3.2 POR QUE ANALISAR O TURISMO DOMÉSTICO?.....	52
3.3 INDICATIVOS PARA UMA METODOLOGIA DOMÉSTICA	53
4 A CONSTRUÇÃO DE UMA MATRIZ PARA O TURISMO	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
BIBLIOGRAFIA.....	66
GLOSSÁRIO	69

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – QUADRO INPUT-OUTPUT	31
Figura 2 - MENSURAÇÃO PRIMÁRIA - PRIMEIRA PARTE	43
Figura 3 - DETERMINAÇÃO DO VALOR ADICIONADO (valor agregado) – SEGUNDA PARTE	44

LISTA DE REDUÇÕES

EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo, vinculado ao Ministério do Esporte e Turismo.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Órgão vinculado à Secretaria de Planejamento da Presidência da República.

MIPT – Matriz Insumo-Produto Turística.

OCDE - Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Instituição criada em setembro de 1961.

OEA - Organização dos Estados Americanos. Organismo internacional de cooperação técnica e econômica.

OMT – Organização Mundial do Turismo, organismo vinculado à ONU.

ONU – Organização das Nações Unidas. Instituição criada após a Segunda Guerra Mundial, para o desenvolvimento e paz entre as nações.

PIB – Produto Interno Bruto (ver glossário).

TURINFO – Sistema de Informação sobre a Contribuição do Turismo à Economia Estadual.

UE – União Européia, organismo internacional de cooperação técnica e econômica.

WTTC – *World Travel & Tourism Council* (Conselho Mundial de Viagens e Turismo).

APRESENTAÇÃO

Este trabalho, apresentado como parte dos requisitos necessários à conclusão do curso de especialização em Planejamento e Gestão do Turismo, foi elaborado com o apoio de economista, planejadores de turismo e estudantes de turismo.

Desta forma, pretende-se verificar as possibilidades de análises dos impactos econômicos do turismo, para, a partir deste marco, estabelecer referenciais para embasar uma metodologia capaz de determinar os impactos econômicos do turismo em nível regional.

O crescimento do turismo doméstico, historicamente caracterizado no Brasil, pelos fluxos intra-regionais e, que especialmente no Paraná, desenvolve-se de maneira bastante dinâmica, despertando o interesse de empresários, governantes e várias instituições ligadas à preservação ambiental, cidadania e desenvolvimento, também é um fator que deve ser notado como interventor na economia.

Assim, este trabalho deverá fornecer subsídios para que outros pesquisadores ou outros trabalhos possam, enfim, desenvolver tal metodologia a fim de que as políticas para o setor e os planejamentos contemplem também essa forma de desenvolvimento, já bastante característico no Brasil.

RESUMO

Analisa as metodologias econômicas para identificar os impactos do turismo, procura estabelecer semelhanças entre os modelos analisados, baseando-se na metodologia da Organização Mundial do Turismo - OMT, na metodologia da *World Travel & Tourism Council - WTTC*, na metodologia de Manoel Figuerola Palomo e na metodologia da EMBRATUR/União Européia. Ainda, trata a comparação entre as metodologias, de modo a permitir uma futura utilização para determinação de metodologia para análise dos impactos econômicos do turismo, através de enfoque regional, além de provocar uma reflexão sobre a Matriz Insumo-Produto Turística - MIPT.

ABSTRACT

It analyzes the economic methodologies to identify the impacts of the tourism, it tries to establish likeness among the analyzed models, basing on the methodology of World Tourism of Organization - WTO, on the methodology of World Travel & Tourism Council - WTTC, on the methodology of Manoel Figuerola Palomo, and on the methodology of EMBRATUR/European Union. Besides, it treats the comparison among the methodologies to allow future use for determination of a methodology to analyze the economic impacts of the tourism, through regional focus, and it allows a reflection on the Analysis Input-Output of Tourism.

RESUMEN

Analiza las metodologías económicas para identificar los impactos del turismo, intenta establecer semejanza entre los modelos analizados y basa en la metodología de la Organización Mundial del Turismo - OMT, en la metodología de *World Travel & Tourism Council - WTTC*, en la metodología de Manoel Figuerola Palomo y de la metodología de EMBRATUR/ Unión Europea. Todavía, trata la comparación de manera a permitir uso futuro en la determinación de una metodología para analizar los impactos económicos del turismo, a través del enfoque regional y permite una reflexión en el Tabla *Input-Output* Turística.

INTRODUÇÃO

A exemplo do cenário internacional, dentro de uma nova equação para a promoção do desenvolvimento da economia brasileira, o Turismo assume uma maior participação na renda nacional.

Ao mesmo tempo, por suas características, o Turismo contribuirá para promover a diminuição das desigualdades regionais; a geração de empregos e renda; a integração ao mercado de trabalho de contingente populacional de baixa qualificação profissional, através da execução de atividades correlatas.

O desenvolvimento sustentável de áreas com destacado patrimônio ambiental servirá de instrumento para a inserção competitiva do país no panorama global, através do estabelecimento de uma imagem externa positiva, através do planejamento adequado às novas exigências de sustentabilidade e envolvimento, neste processo, da comunidade.

O Turismo é formado por um amplo e diversificado conjunto de atividades econômicas com importância destacada no setor de serviços. Para efeito de multiplicadores econômicos são consideradas 52 atividades impactadas direta ou indiretamente, devido ao bom desempenho dessa indústria, com reflexos consideráveis sobre a geração de empregos e fonte alternativa de renda.

A atividade turística vem, ano após ano, se firmando como atividade econômica, geradora de empregos e divisas, contribuindo efetivamente para o desenvolvimento sócio-econômico de várias localidades. Cresce também a sensibilização e conscientização do setor público e privado com relação aos

benefícios auferidos com o Turismo planejado e voltado para o engrandecimento da atividade como um todo.

A atividade é hoje (OMT, 1999) a segunda que mais cresce no planeta. Atualmente, movimenta US\$3,5 trilhões por ano, conforme dados da WTTC¹ (1999) e de acordo com a Organização Mundial de Turismo (OMT)² em 2020 esse número deverá saltar para US\$ 6 trilhões. Dados do Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR (1999)³ revelam que em 1998 mais de 5,5 milhões de turistas estrangeiros visitaram o Brasil deixando uma média de US\$74 dólares por dia, num total de US\$ 3,7 bilhões.

Contudo, o correto planejamento dessa atividade leva em consideração os impactos do desenvolvimento do turismo sobre a localidade receptora, tanto os positivos quanto os negativos – analisados com maior propriedade, sendo que para isso são fomentados os estudos específicos das áreas primárias e secundárias impactadas, e as influências na economia regional.

A importância de um estudo mais aprofundado na definição de metodologias econômicas para a definição da influência do turismo doméstico (regional e nacional) sobre a economia nacional é referendada por renomados estudiosos, citados a seguir, que percebem a tendência científica da atividade.

Conforme RABAHY (1990)⁴ o estudo quantitativo da atividade turística se justifica pelo interesse em se conhecer analiticamente a situação do setor num dado momento, as suas causas determinantes, os problemas que têm alterado as suas tendências e as indicações dos custos das decisões alternativas. (...) O Turismo, que necessita de suporte científico e quantitativo para desenvolver suas

1 WTTC, *The Iceberg of Tourism*, 1999.

2 OMT, *Introducción al Turismo*, Madrid: OMT, 1999. pp. 102 - 107

3 EMBRATUR, *Anuário Estatístico do Turismo*, Brasília: EMBRATUR, 1999

4 RABAHY, Wilson A. Planejamento do Turismo: estudos econômicos e fundamentos econométricos. (apresentação de Roberto Macedo). São Paulo: Loyola, 1990. p. 105.

políticas, não pode prescindir das técnicas oferecidas pela Econometria, e deve buscar particularizá-la ao seu próprio campo de atividade.

FIGUEROLA (1990)⁵ afirma que os níveis quantitativos alcançados pela demanda turística, a determinação de seus horizontes a médio prazo e a responsabilidade assumida diariamente pelos empresários, políticos e técnicos do setor constituem um poderoso incentivador para investidores e estudiosos.

Assim o conhecimento e a previsão das repercussões da expansão turística sobre o sistema econômico e a vida social podem receber uma inestimável ajuda da Teoria Econômica aplicada ao Turismo, também denominada por alguns autores de Teorometria (ver glossário).

Vale, inclusive, ressaltar que a Organização Mundial do Turismo - OMT observou que vários países usam diferentes metodologias para analisar os quase trinta anos de estatísticas sobre turismo. Este fato justifica por si só a determinação de uma metodologia padrão para a comparabilidade dos dados, através de parâmetros embasados de formas mais próximas.

Outro fato relevante é observado nas inúmeras "estatísticas" veiculadas nos mais diversos meios de comunicação e pela própria EMBRATUR. Pretendem demonstrar o desempenho do turismo no Brasil e no Mundo, mas que não sabemos quais as metodologias adotadas, muito menos as variáveis utilizadas.

Isto dificulta o planejamento turístico que queira (e deve) levar em conta tais variáveis, uma vez que determine projetos específicos por setores produtivos do turismo ou a adequação de investimentos às necessidades de empreendedores e até mesmo dos fluxos turísticos domésticos.

Ainda, a dificuldade na reflexão e compreensão dos termos atualmente utilizados pelos raros cientistas econômicos do turismo, torna mais complexo o

5 FIGUEROLA PALOMO, Manuel. Teoría Económica del Turismo. Madrid: Alianza Editorial, 1990. Capa.

emprego cotidiano de estatísticas no planejamento turístico nacional, em um estudo direcionado a políticas de fomento, e regional, no caso de ações mais específicas. Esse fato justifica o glossário de economia do turismo que elaboramos a partir dos textos analisados.

Para que tenhamos melhor embasamento para futuras aplicações de uma matriz econômica para turismo, é necessária ainda a definição de relações econométricas, que são as análises quantitativas e simulações de desempenho econômico através de formulações que utilizam princípios da estatística, matemática e economia, como:

Relações Funcionais: expressam a correspondência ou o regime de dependência entre variáveis da econometria.

Essas relações servirão para determinar o desempenho do turismo regional e nacional através da ciência econômica aplicada ao turismo.

Relações Incrementais (Δ): expressam variações cumulativas entre variáveis da econometria que ao longo do tempo seguirem suas próprias trajetórias, dependentes ou não de fatores comuns ou interconectados. Expressam também a resposta de determinado conjunto de variáveis econômicas a determinada ocorrência verificada em outra variável.

Essas relações servirão para simular os impactos econômicos (turísticos ou não) gerados nas variáveis da ciência econômica aplicada ao turismo, principalmente, nas políticas econômicas que muito afetam a atividade turística doméstica.

Relações Matriciais: indicam a interdependência de conjuntos interconsistentes de variáveis.

Essas relações subsidiarão a formação da Matriz Insumo-Produto para o Turismo, baseada na Matriz de Leontief (ver glossário) em estudo posterior.

Isso somente será possível através da análise proposta e da compreensão da economia do turismo e de seu detalhamento, justificando também a pesquisa realizada.

No Capítulo 1 é feita uma revisão na literatura existente sobre a econometria aplicada ao turismo, colocando esse assunto de maneira mais aproximada aos níveis dos estudos apresentados. Também são relacionadas as atividades e agentes econômicos do turismo.

No Capítulo 2 são analisadas as metodologias encontradas, das organizações internacionais, Paraná Turismo e de Manoel Figuerola Palomo.

No Capítulo 3 é feita uma breve análise dos resultados obtidos nos estudos do Capítulo anterior, pretendendo-se subsidiar os futuros estudos teorométricos sobre regiões.

No Capítulo 4 é feita uma reflexão sobre a necessidade e a importância prática e científica da construção de uma Matriz Insumo-Produto - MIPT para o Turismo.

1 REVISÃO DA LITERATURA SOBRE MEDIDAS DA ATIVIDADE TURÍSTICA

Algumas definições encontradas sobre a atividade turística tentam demonstrar os efeitos desta atividade na vida econômica, como as abaixo descritas:

“O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem de seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural”. (De La Torre, 1992:19)

“Turismo é o conjunto das relações e dos fenômenos produzidos pelo deslocamento e permanência de pessoas fora de seu local de domicílio, sempre que ditos deslocamentos e permanência não estejam motivados por uma atividade lucrativa”.

Walter Hunziker e Kurt Krapf (Suíça 1942)

“O turismo é a atividade de transporte, cuidado, alimentação e entretenimento do turista; tem um grande componente econômico, mas suas implicações sociais são bem mais profundas. Estimula o interesse no passado, na arquitetura e na arte...”

Lundberg 1974, p. 25

Para efeito de normatização das definições existentes, será considerada como referência a definição, sobre turismo, da Organização dos Estados Americanos - OEA, cuja proposta é a de que turismo:

"É o movimento migratório, até um limite máximo de 90 dias, seja internacional ou nacional, sem propósito de longa permanência e sem exercício de uma atividade ou profissão remunerada. O objetivo seria de prazer, comercial ou industrial, cultural, artístico ou científico. Não inclui os viajantes que juridicamente entram no país, como é o caso dos passageiros de avião que permanecem nos aeroportos, seja por escala ou conexão com outras linhas aéreas, nem o movimento unicamente de fronteiras." (apud. FIGUEROLA, 1985:115).

Como ocorrem no Brasil, em termos de turismo doméstico, grandes fluxos intra-regionais com motivações variadas (lazer, estudos, saúde, visitas à parentes e amigos, negócios – vendas, empreendedorismo, comércio, etc. – eventos e outros) a definição da OEA parece a mais adequada aos propósitos futuros de se definir uma metodologia que contemple em seu conteúdo todas as formas de turismo praticadas no País.

Os aspectos econômicos apresentam sua importância, uma vez que "um dos mais importantes trabalhos da economia consiste em classificar os variadíssimos fenômenos da vida econômica, procurando reuni-los em grupos que, a partir de uma metodologia, sejam homogêneos e apropriados para generalizações interpretativas da realidade (...)"⁶

Essa afirmação explicita a necessidade de se determinar em termos quantitativos o desempenho do turismo doméstico em suas variadas formas, pois conforme FURMAN (1996)⁷ É difícil expressar certamente os custos envolvidos e uma estimativa dos lucros provenientes do Turismo,

⁶ Apud. RABHAY, Wilson A. Fundamentos Econômicos e Quantitativos no Planejamento Turístico. São Paulo: USP, 1992.

pois considerado como uma atividade que pertence ao setor econômico terciário, com sua área de atuação ampliada na economia, englobando as atividades de consumo pessoal, comercialização, administração pública, entidades assistenciais e de apoio à produção, faz interação com os outros setores da economia, industrial e agropecuária (...).

1.1 ATIVIDADES QUE SERÃO CONSIDERADAS CORRELATAS À TURÍSTICA

O setor turístico é bastante complexo por se tratar de um composto de atividades dos três setores da economia (PRIMÁRIO predominantemente extrativo, SECUNDÁRIO predominantemente de transformação e TERCIÁRIO predominantemente de comércio e prestação de serviços) que conjugados formam o Produto Turístico, uma vez que esse é formado por fornecedores, transformadores e prestadores de serviços além disso, é instantâneo, ou seja, é produzido e consumido simultaneamente. Cabe ressaltar, então, a importância de se dividir o setor turístico em suas principais partes (conforme os setores econômicos supracitados, facilitando, dessa forma, a definição dos agregados (fatores da cadeia produtiva que compõem indiretamente o produto turístico) para a formação da Matriz Insumo-Produto Turística MIPT (ver Glossário). A base para essa separação foi extraída de Figuerola⁸:

7 FURMAN, Laura. "O mercado turístico". Monografia, UFPR, Curitiba, dezembro, 1996.

Classificação das Atividades Produtivas do Turismo:

Para que se possa, em estudos posteriores, compor uma matriz que possa ser utilizada na formulação de hipóteses e sentenças para simulação do desempenho econômico da atividade turística, faz-se necessário uma primeira desagregação de seus fatores produtivos.

Essa desagregação servirá para que se tenham as primeiras variáveis econômicas para o turismo, dentro do conceito das atividades domésticas em nível regional e nacional.

a) segundo a quem vai dirigido ao consumo de um produto:

- atividades diretas (dirigidas diretamente ao turista);
- atividades mistas (dirigidas diretamente ao turista e a outros consumidores da demanda final);
- atividades indiretas (dirigidas a outros setores produtivos de transformações com repercussões no turismo).

b) por seu valor turístico:

- básicas como Terminais de Passageiros e outras facilidades (sem as quais não se pode pensar na existência da atividade turística);
- complementares como equipamentos de entretenimento, bares e similares (convenientes enquanto melhoram a qualidade de uma localidade turística, porém não são imprescindíveis);
- acessórias como o Parque das Aves em Foz do Iguaçu (não são necessárias, a não ser por desejos especiais).

c) pela tipologia turística

- preparatórias (não específicas da atividade turística, porém se fazem necessárias para eleição do destino turístico);

⁸FIGUEROLA PALOMO, Manuel. Teoría Económica del Turismo. Madrid: Alianza Editorial, 1985.

- de transporte (imprescindíveis para a chegada e saída dos núcleos turísticos);
- de residência (todas aquelas que tem como função facilitar aos viajantes a satisfação de suas necessidades de caráter turístico, assim como os desejos de lazer e relação social);
- de adequação e conformação do meio (são aquelas que elevam a categoria de um centro turístico aos pontos e municípios turísticos potencialmente utilizáveis);
- posteriores (que se executam quando se volta da viagem, porém se devem a sua realização);
- interrelacionadas (que servem para facilitar a outras o exercício normal de seu processo produtivo).

d) pela atividade turística gerada ou finalidade:

- de alojamento (hotelaria, apartamentos, áreas de *camping*, chalés, vilas, etc.);
- de alimentação (refeitórios de hotéis, restaurantes, cafés, bares, tabernas, etc.);
- de recreação (espetáculos diversos, de prática desportivas, salas de jogos, etc.);
- de comunicação (telefonia, correio, etc.);
- de tramites econômicos (bancos, casas de câmbio, seguros, etc.);
- de compras de artigos (quiosques, casas comerciais, lojas de *souvenirs*, etc.);
- de saúde (serviços de residentes, serviços médicos de urgência, farmácia, etc.).

e) pelo sujeito que executa a atividade turística:

- da empresa ou iniciativa privada (toda atividade industrial ou comercial, cujo objetivo é prestar um serviço a preços justo);
- da administração central (cujo objetivo é a coordenação, pesquisa, planejamento, ordenação, promoção e ação de segurança);

- da administração regional ou local (cuja finalidade deve centrar-se especialmente na difusão e propaganda dos valores turísticos da zona e na conservação e restauração dos monumentos artísticos do local);

Segundo a EMBRATUR⁹, para que se tenha perfeita concepção do que representa a atividade turística para o agregado dos setores econômicos (formação econômica nacional – PIB), foram estabelecidas as diferentes atividades que compõem direta ou indiretamente o Turismo:

Setor Primário

- 1 – Produtos Agropecuários não elaborados ou primários;
- 2 – Flora e Fauna;
- 3 – Madeiras;
- 4 – Energia Elétrica;
- 5 – Refino de Petróleo;
- 6 – Combustíveis Minerais.

Setor Secundário

- 1 – Fabricação de Plásticos;
- 2 – Indústria de Borracha;
- 3 – Indústria Moveleira;
- 4 – Indústria de Cosméticos;
- 5 – Indústria de Produtos de Limpeza;
- 6 – Indústria Editorial e Gráfica;
- 7 – Indústria farmacêutica;
- 8 – Indústria de Cigarros e derivados;
- 9 – Indústria da Construção Civil;
- 10 – Indústria de Alimentos e Bebidas elaborados.

⁹EMBRATUR. Diretrizes do Programa Nacional de Municipalização do Turismo / elaborado pela Gerência de Programas Nacionais; Supervisão de Projetos de Descentralização. Brasília: EMBRATUR, 1997. Pp 19 – 21.

Setor Terciário

- 1 – Instituições Financeiras e de Seguros;
- 2 – Administração Pública;
- 3 – Telefonia;
- 4 – Correios;
- 5 – Meios de Comunicação de massa;
- 6 – Publicidade e Propaganda;
- 7 – Aluguel de Imóveis;
- 8 – Artigos de vestuário e acessórios;
- 9 – Assessoria de empresas;
- 10 – comércio de calçados;
- 11 – comércio em geral;
- 12 – comércio de couro e peles;
- 13 – comércio de material de construção;
- 14 – meios de hospedagem;
- 15 – produtos eletrodomésticos;
- 16 – produtos têxteis;
- 17 – produtos metálicos;
- 18 – recreação;
- 19 – serviços de alimentação;
- 20 – educação e treinamento;
- 21 – saúde;
- 22 – saneamento e abastecimento de água;
- 23 – Transportes.

Também, conforme a EMBRATUR¹⁰, os impactos do Turismo, analisando os efeitos diretos e indiretos dos gastos com bens e serviços, seriam os seguintes:

¹⁰ EMBRATUR. Diretrizes do Programa Nacional de Municipalização do Turismo / elaborado pela Gerência de Programas Nacionais; Supervisão de Projetos de Descentralização. Brasília: EMBRATUR, 1997. P 25.

Os turistas fazem despesas com:

- alojamento;
- refeições;
- gorjetas;
- bebidas;
- diversões;
- roupas;
- presentes e recordações;
- cuidados pessoais medicamentos, produtos cosméticos;
- fotografia;
- recreação;
- excursões, visitas à localidade, guias e transportes locais;
- despesas diversas.

Segundo tipo de despesas (gastos dos estabelecimentos e empresas turísticas e respectiva manutenção):

- salários;
- impostos sobre rendimentos;
- comissões;
- música e entretenimentos;
- despesas administrativas e gerais;
- serviços profissionais;
- compras de abastecimentos em alimentos e bebidas;
- concertos e manutenção;
- publicidade e promoção;
- utilidades públicas;
- transportes;
- licença prémios de seguros;
- aluguel de instalações e equipamentos;
- juros e pagamentos do principal em recursos financeiros emprestados;

- rendimentos e outros impostos;
- substituição de bens do capital;
- devoluções ao governo.

Últimos Beneficiados (prestação de serviços complementares - lista parcial)

- contabilidades;
- técnicos de eletrodomésticos;
- arquitetos;
- artesãos e artistas;
- fornecedores de artes e artesanatos;
- atletas;
- advogados;
- mecânicos de automóveis;
- padeiros;
- empregados bancários;
- açougueiros;
- carpinteiros;
- operadores de caixa;
- obras de caridade;
- fabricantes e distribuidores de cinema e vídeo;
- padres;
- fabricantes de vestuário;
- cozinheiros;
- organizações culturais;
- leiterias;
- dentistas;
- proprietários e empregados de lojas;
- médicos;
- educadores;

- **eletricistas;**
- **engenheiros;**
- **agricultores;**
- **pescadores;**
- **transportadores de mercadorias;**
- **marcenarias;**
- **jardineiros;**
- **empresários de lojas de recordações;**
- **funcionários públicos;**
- **mercearias;**
- **peçoal de saúde;**
- **empregados de limpeza;**
- **empregados do ramo de seguros;**
- **serviços de lavanderia;**
- **operários;**
- **fornecedores de mobiliário de escritório;**
- **pintores;**
- **postos de gasolina;**
- **encanadores;**
- **porteiros;**
- **gráficas e editores;**
- **venda e aluguel de equipamentos recreativos;**
- **proprietários e empregados de restaurantes;**
- **empregados de construção de estradas;**
- **fabricantes de sinalização;**
- **empregados de redes de transportes;**
- **utilidades, fornecedores e técnicos.**

Dessa forma, o conteúdo obtido com os fatores econômicos afetados direta ou indiretamente pelo turismo, acima descritos, servem

para demonstrar como primeira evidência¹¹ a importância dos efeitos multiplicadores do turismo (quanto o incremento monetário da atividade turística, afeta os demais setores da economia nacional) para que a MIPT seja composta pelos fatores diretos de turismo (gasto de empresas produtoras turísticas) e pelos fatores indiretos (empresas prestadoras de serviços para as empresas turísticas).

Essa classificação, a cima apresentada, se faz necessário para que se tenha uma percepção dos elementos envolvidos na produção da atividade turística, uma vez que se pretende estabelecer as variáveis que poderão ser consideradas no impacto econômico do turismo e suas respectivas importâncias.

¹¹ Não fora encontrada literatura sobre uma Matriz Insumo-Produto Turística e não há este tipo de separação na Matriz Insumo-Produto do Brasil elaborada pelo IBGE (1998)

2 METODOLOGIAS QUE ANALISAM OS IMPACTOS ECONÔMICOS DO TURISMO

A literatura para o turismo não condiz com a vultuosidade que este fenômeno provoca atualmente em nível global. Se for analisado a parte econômica ligada à atividade, a literatura apresenta-se ainda mais escassa. Existem atualmente a descrição metodológica da WTTC, posteriormente analisada, a Metodologia utilizada pela OMT, também analisada e uma proposta da Comunidade Européia, no entanto, todas estão embasadas nos estudos de PALOMO.

No entanto, as principais obras encontradas são suficientes para este primeiro estudo realizado, donde, reforço, serão apenas analisadas as metodologias, sem a pretensão de se determinar uma outra metodologia para a realidade brasileira e que são predominantemente ligadas à entidades do setor turístico nos níveis mundiais, internacionais, nacional e estadual (sendo esta última, uma adaptação dos estudos da União Européia em Consultoria realizada no Brasil entre acordo da Paraná Turismo e EMBRATUR)

2.1 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS METODOLOGIAS ESTUDADAS

Para a análise das metodologias foi definido que apenas seriam descritos os dados obtidos das formulações encontradas na literatura pesquisada, sem aprofundamento nas variáveis descritas pelos seus respectivos autores, por não ser objeto deste trabalho. Posteriormente

foram detectados os pontos comuns das metodologias para serem utilizadas na fundamentação dos estudos para uma metodologia de impactos para turismo doméstico.

2.1.1 Metodologia da Organização Mundial do Turismo – OMT

Conforme a OMT (1999)¹², “o turismo tem grande repercussão na economia dos países e regiões em que se desenvolve, ainda que sua importância seja relativa à intensidade, segundo o seu dinamismo e a diversificação da economia, ou seja, segundo seja esta local, regional ou nacional”.

Em analogia proposta pela OMT¹³, poderíamos considerar o turismo doméstico como exportações, no entanto, entre distintas regiões do mesmo país, ou seja, devido às proporções continentais do Brasil, por exemplo, uma região considerada turística como o Nordeste, está – analogamente – exportando para o Sudeste e Sul do País, uma vez que possui uma ampla produção econômica (descrita no item 1.1) de prestação de serviços para a formação do produto turístico regional. Esse produto também é considerado por ela “exportação limpa” (não geraria extração de recursos) para os demais estados.

Esta hipótese é referendada pela Teoria da Base Econômica que considera “exportações” tudo que é vendido para fora da região, não interessando se isso representaria geograficamente o mesmo país.

¹²ibid. Introducción al Turismo. Madrid: OMT, 1999. P. 198.

¹³ Op cit, p. 201.

A OMT considera que geralmente, a maioria dos estudos sobre os impactos do turismo estão centrados no desenvolvimento turístico existente, ou seja, nos dados obtidos com a atividade turística que ocorre, normalmente, no ano interior (ao da análise) ou em séries históricas de 10 anos de análises, portanto, a posteriori, facilitando uma análise e determinações destes impactos.

Todavia, a análise das conseqüências derivadas de uma atividade econômica como é a que se desenvolve no turismo, deveria considerar também, nos processos de planificação, todas as circunstâncias (econômicas, sociais e ambientais), tanto positivas, como negativas, que podem ser geradas por essa atividade, ou seja, estudos de simulação do desenvolvimento da atividade, visando planejamento a longo prazo a partir de dados obtidos com tais simulações.

A metodologia da OMT distingue entre o impacto econômico originado pelo gasto turístico (seus efeitos a medida que são absorvidos pelos demais setores econômicos) e os efeitos causados pelo desenvolvimento da atividade turística (impactos provocados pela construção e financiamento das facilidades turísticas).

Esta distinção é importante, já que cada tipo de impacto requer uma metodologia própria para sua avaliação; o gasto turístico e seus efeitos devem ser analisados através dos multiplicadores turísticos, enquanto que os impactos do desenvolvimento da atividade turística precisam da análise custo-benefício.

O multiplicador¹⁴ é um coeficiente (número) associado à variação dos investimentos que determina a magnitude de variação no nível da renda nacional.

14 Manual de Economia: André Franco Montoro Filho... [et al.]; organizadores Diva Benevides Pinho, Marco Antonio Sandoval de Vasconcelos. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 1998. Pp. 322 – 325.

A metodologia para a análise do gasto turístico através do conceito de multiplicadores parte do princípio de que todos os setores da economia são interdependentes entre si, de forma que o conceito de multiplicador considera que a demanda para a produção de um setor determinado afetará a demanda de outros setores que contém os bens e serviços deste primeiro setor. Esta situação implica que qualquer variação no gasto turístico trará consigo uma troca nos vários níveis de produção da economia em seu conjunto.

Portanto, o conceito de multiplicador econômico se refere à distribuição das trocas de uma variável econômica determinada (produção, renda, emprego, etc.) com respeito ao incremento na demanda no setor turístico. Como dito anteriormente, deve-se saber as repercussões da atividade turística em termos econômicos, sociais e ambientais no total da produção nacional ou o inverso, como o incremento em outros setores econômicos afetarão a atividade turística.

2.1.1.1 Quadro *Input-Output*

Antes de entrar no quadro proposto pela OMT, torna-se interessante descrever o modelo, conforme SANDRONI (1985)¹⁵. A análise de modelos que pretendem detalhar as implicações de determinada demanda ou determinada oferta. Para isso, vale-se um sistema contábil que centra sua atenção da maneira pela qual as funções tecnológicas, de produção das várias indústrias, afetam as relações entre as indústrias e determinam a estrutura industrial do sistema econômico.

15 SANDRONI, Paulo. Dicionário de Economia. São Paulo: Abril Cultural, 1985. P 212.

A Matriz Insumo-Produto (ou matriz de relação intersetorial, ou Matriz de Leontief)¹⁶ é um esquema (sistema) de análise da estrutura econômica, mostrando o que cada setor da atividade compra e vende para outros setores da atividade.

A interpretação é feita de maneira a permitir que as linhas mostrem o destino das vendas e as colunas, a origem das compras. Essa interpretação permite a elaboração de coeficientes técnicos de produção, fixados algumas metas de demanda.

Permite, ainda, uma visão imediata dos prováveis resultados da utilização de diversas alternativas de política econômica. Servem também para sabermos o efeito multiplicador de estímulos a alguma atividade como o turismo, por exemplo.

As teorias elaboradas sobre as estatísticas de Insumo-Produto têm várias utilizações:

- 1) indicam a expansão requerida em áreas de importância econômica, a longo prazo, servindo como subsídio para os órgãos governamentais orientarem seus investimentos e garantirem um crescimento econômico adequado;
- 2) ajudam a determinar a viabilidade da obtenção de qualquer "pacote" de produção, comparando os custos de obtenção de vários pacotes e dando a conhecer os insumos requeridos para se atingir determinado pacote;
- 3) permitem prever o impacto que uma variação no padrão de exportação provocará na estrutura industrial, bem como as

¹⁶ Manual de Economia: André Franco Montoro Filho... [et al.]; organizadores Diva Benevides Pinho, Marco Antonio Sandoval de Vasconcelos. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 1998. Pp. 297.

variações nos requisitos de importação, decorrentes de alterações na estrutura da demanda (o impacto dessas variações nas transações externas pode ser acompanhado até a verificação dos seus efeitos sobre o balanço de pagamentos);

- 4) facilitam a investigação do resultado de políticas de desenvolvimento regional, em contraposição ao crescimento e à variação nacional;
- 5) facilitam o acompanhamento do impacto de uma variação dos preços dos fatores sobre o nível e a estrutura do preço dos produtos finais. E, também, são utilizados para acompanhar os impactos das variações de produtividade sobre a estrutura da economia e o nível de produção.

Por outro lado, tem-se que avaliar os custos e benefícios de um projeto turístico, ou seja, deve-se saber se os benefícios econômicos, sociais e ambientais valem o custo financeiro, social e ambiental do projeto, a fim de cobrir todos os impactos econômicos da atividade turística de um destino.

O turismo deve ser considerado uma opção econômica alternativa (pois o recurso econômico poderia ser utilizado em outros setores econômicos, como o automobilístico – maior gerador de empregos mundial) gerando mais benefícios que outras atividades para determinadas regiões.

A formação visual de uma matriz econômica para o turismo é melhor quando colocada em forma de quadro. Para tanto os quadros do tipo *Input-Output*, que nada mais são do que uma adaptação da Matriz Insumo-Produto, permitem uma compreensão detalhada da inter-relação dos fatores produtivos no turismo.

Em seguida é mostrado um exemplo de matriz insumo-produto, através de um quadro *Input-Output*, sem os atores econômicos, mas considerando – hipoteticamente – uma simulação com empresas 1, 2, 3, 4...m, e a demanda agregada C, I, G e E (consumo original e consequentes), dando os *inputs* primários M, W, P e T.

Figura 1 – QUADRO INPUT-OUTPUT

Vendas		DEMANDA INTEGRADA Setores produtivos					DEMANDA FINAL Demanda final dos setores				Output Total
Compras		Indústria									
		1	2	3	4	M	C	I	G	E	
Setor produtivo	Indústria 1	X_{11}	X_{12}	X_{13}	X_{14}	X_{1m}	C_1	I_1	G_1	E_1	X_1
	Indústria 2	X_{21}	X_{22}	X_{23}	X_{24}	X_{2m}	C_2	I_2	G_2	E_2	X_2
	Indústria 3	X_{31}	X_{32}	X_{33}	X_{34}	X_{3m}	C_3	I_3	G_3	E_3	X_3
	Indústria 4	X_{41}	X_{42}	X_{43}	X_{44}	X_{4m}	C_4	I_4	G_4	E_4	X_4
	... Indústria m	X_{m1}	X_{m2}	X_{m3}	X_{m4}	X_{Mm}	C_m	I_m	G_m	E_m	X_m
Input primário	Salários	W_1	W_2	W_3	W_4	W_m					
	Dividendos	P_1	P_2	P_3	P_4	P_m					
	Benefícios										
	Impostos	T_1	T_2	T_3	T_4	T_m					
	Importações	M_1	M_2	M_3	M_4	M_m					
Inputs totais		X_1	X_2	X_3	X_4	X_m					

FONTE: apud. OMT: Introducción al Turismo, Madrid: OMT, 1999.

Onde:

Demanda Final dos setores

$X = \text{Output/Input}$

$C = \text{Consumo (economias domésticas)}$

$I = \text{Investimentos (privadas)}$

$G = \text{Gasto governamental}$

$E = \text{Exportações}$

Inputs primários

$M = \text{Importações}$

$W = \text{Salários}$

$P = \text{Benefícios/Dividendos}$

$T = \text{Impostos}$

Os dados proporcionados pelo sistema contábil Insumo-Produto são relacionados na tabela de insumo-produto (exemplificado na figura 1), constituída dos números correspondentes às quantidades de produto que cada indústria comprou e vendeu às outras unidades industriais, no conjunto da economia.

As indústrias devem ser cuidadosamente selecionadas; de acordo com a finalidade da análise e em conformidade com seu número, a Tabela de Insumo-Produto apresentará um número correspondente de linhas – uma para cada indústria – e de colunas, também, uma para cada indústria.

Cada linha mostra para onde vai o produto de uma indústria; cada coluna mostra a quantidade de insumo que cada indústria empregou.

2.1.1.2 - Contas Satélites de Turismo

As contas satélites foram desenvolvidas a partir de pressupostos obtidos dos dados econômicos regionais (aqui consideradas como um agrupamento de países de uma mesma região geográfica (América Latina, por exemplo) como o efeito da economia de uma país sobre o total de países da região considerada.

Os mecanismos de análise de recursos utilizados no mercado somente levavam em consideração os custos privados de investimentos, o que não garante a rentabilidade destes investimentos em longo prazo, pois entre outras coisas, evidenciam os custos sociais da mesma.

Por isso, foram desenvolvidas as Contas Satélites de Turismo, que pressupõem uma valorização real dos impactos turísticos nas atividades econômicas dos destinos e suas relações diretas com emprego, renda, impostos, etc., aspectos estes que não podiam ser verificados a partir dos quadros Input-Output.

Atualmente, a OMT implementou um sistema de Contas Satélites de Turismo para elaborar suas estatísticas internacionais.

A metodologia de análise Custo-Benefício, que é a relação de investimentos turísticos e seus efeitos na sociedade, baseia-se na comparação dos custos e benefícios que um projeto representa para uma zona determinada.

De maneira geral, trata-se de informações pertinentes à análise do projeto para se saber se os benefícios econômicos compensam e superam os custos do meio ambiente, socioculturais e econômico que surjam de sua aplicação. O objetivo final deve ser a maximização do bem-estar de todos os interessados.

Etapas da Análise Custo-Benefício

1) Identificação dos impactos: especificação da população afetada, dos efeitos e da localização destes efeitos;

2) Predição e quantificação: são calculados os custos e benefícios em suas correspondentes unidades de mercado para o período de tempo determinado;

3) Evolução em termos monetários: se analisa um valor monetário a cada efeito externo, independentemente da existência de mercado para o bem;

4) Seleção de um critério de decisão: é necessário colocar que os benefícios econômicos do turismo foram bastante estudados pelos autores e investigadores do setor, enquanto que os custos econômicos associado à atividade turística não eram considerados em sua totalidade até bem pouco tempo.

Todo o planejamento e desenvolvimento turístico deveriam adotar um enfoque mais equilibrado que valorizasse ambos os aspectos, a fim de alcançar a competitividade do destino, a longo prazo, e de maximizar o bem-estar dos agentes envolvidos.

Dentre as duas metodologias acima utilizadas, Input-Output que representa as relações de compra e venda nos setores produtivos, e apenas isso, e o Sistema de Contas Satélites que vislumbra alguns itens

fundamentais para o Turismo como a preocupação com o meio ambiente, a comunidade impactada outros, a segunda parece ser melhor enquadrada dentro dos parâmetros aceitáveis para o desenvolvimento do turismo regional, no entanto em relação aos efeitos econômicos a Matriz Insumo-Produto parece ser mais eficaz.

2.1.2 A Metodologia da *World Travel & Tourism Council* – WTTC

A WTTC baseia sua metodologia nas contas nacionais de mais de uma centena de países, praticando o que é chamado de contabilidade satélite, seguindo a estrutura conceitual desenvolvida pelo comitê de especialistas da OMT.

O conceito de sistema de Conta Satélite, que deriva seus agregados principais do Sistema das Nações Unidas de Contas Nacionais, é utilizado pelos países que introduzem tais sistemas de contabilidade na base analítica destes para dados de turismo.

Este Sistema de Contas Nacionais é uma inter-relação de diretrizes para organizar informações sobre uma economia de modo útil. Provê conceitos, definições, classificações, contas e quadros para prover uma armação inclusiva, integrada pela produção, consumo, importantes investimentos, renda, ações e fluxos de riqueza financeira e não-financeira, e variáveis econômicas relacionadas.

Prevê um registro inclusivo e detalhado das atividades econômicas complexas que acontecem dentro de uma economia e da interação entre os diferentes agentes econômicos e grupos de agentes que acontecem em outros mercados ou em outro lugar. Na prática, as contas são compiladas para uma sucessão de períodos de tempo e provêm um fluxo continuando

de informação que é indispensável para o monitoramento, análise e avaliação do desempenho de uma economia com o passar do tempo.

No entanto, como a WTTC baseia sua metodologia na metodologia americana e como essa não permite adequações perfeitas à realidade brasileira (por considerar em alguns casos equipamentos que não são utilizados aqui, como as casas móveis e equipamentos para essas casas), além de ainda não ter sido aplicada para comprovação, será feito a seguir, apenas uma descrição do que é utilizado e suas variáveis, sem preocupação de descrição de fórmulas.

2.1.2.1 Princípios para Contabilidade Satélite Nacional para Viagem & Turismo

O Sistema de Contas Nacionais (Sistema ONU)¹⁷ é baseado em quatro contas, relativas à produção, apropriação (ou utilização de renda) e acumulação (ou formação de capital) dos agentes econômicos (famílias, empresas, setor público e setor externo), criado pelo inglês Richard Stone. (ver Contas Nacionais no glossário)

A seguir são reproduzidos parágrafos do Sistema Nacional de Contas - SNA (ONU, 1993) que provêm uma avaliação geral e armação para contas de satélite funcionalmente orientadas, tirados da publicação da WTTC na internet¹⁸

17 Manual de Economia: André Franco Montoro Filho... [et al.]; organizadores Diva Benevides Pinho, Marco Antonio Sandoval de Vasconcellos. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 1998. Pp.289.

18 WEB Site da Conselho Mundial de Viagens e Turismo: www.wttc.org

A Contabilidade Satélite para Turismo deveria conter “o âmbito de Viagem & Turismo, considerando, além da descrição de demanda e provisão de bens e serviços relacionados ao turismo, uma armação geral para a análise de formação de rendas, importantes investimentos, e transações financeiras”. (WTTC, 1998:3)

a) O ponto de partida para uma Conta de Satélite de Turismo deveria ser o conceito obtido das Contas Nacionais, classificações e quadros, e os adaptar para focar a análise de Viagens e Turismo (metodologia da wtcc – *travel&tourism*) , sem afetar os princípios de análise da macroeconomia;

b) A pesquisa para a Contabilidade Satélite deveria ser lógica, precisa, em conformidade com princípios de contabilidade nacionais geralmente aceitos, acreditável, transparente, e flexível, ainda modular os programas de trabalho de pesquisas diversas e operações para facilitar o desenvolvimento de países em desenvolvimento ou ainda sub-desenvolvidos;

c) Considerar as atividades de viagens como aquelas realizadas fora do local de residência permanente, por período não superior a um ano , motivadas pelo lazer, negócio e outros propósitos;

d) O melhor ponto de vista para ser utilizado é o da demanda pelas possibilidades agregadas;

e) A otimização do valor agregado de Viagem & Turismo, dentro da Conta Satélite deveria ser expressado como o Consumo turístico, somado a estimativa de emprego (Indústria de Viagem & Turismo) e os efeitos multiplicadores da demanda turística como indutora indireta (Economia aplicada ao turismo);

f) O PIB turístico deveria incluir o valor direto do consumo turístico inclusive despesas dos consumidores (bens duráveis – automóvel), não-duráveis - alimentação e serviços - agenciamento), vendas empresariais (do setor privado e setor público), despesas governamentais (individual) e comércio estrangeiro (exportações para estrangeiros;

(...)

h) Residência permanente deveria ser determinada analiticamente através de dados de padrão de viagem, e não baseado em tempo prefixado ou condições de distância. A Informação deveria enfatizar as visitas realizadas e a demanda destas, como informado pelas estatísticas;

i) Despesas do consumidor (duráveis, não duráveis, e serviços) deveriam incluir a despesa de consumo total feita por uma visita ou ocasionado por uma visita para (e durante) a viagem;

(...)

l) Deveriam ser medidos os investimentos importantes (setor público e privado) e o consumo privado individual que exigem instalações para viagem, equipamentos especiais e infra-estrutura para os viajantes ou as companhias de viagem;

m) Deveriam ser medidas as despesas governamentais e as despesas operacionais do setor público para viagens oficiais ou de funcionários públicos à serviço, como também as despesas operacionais atuais (individual e coletivo) do governo para provisão de infra-estrutura;

n) O comércio estrangeiro deveria incluir compras de mercadorias empreendidas por visitantes, como também exportações tradicionais associadas ao turismo mundial;

o) Deveriam ser usados modelos de *Input/Output* para traduzir conceitos de demanda para prover e apoiar conceitos de valor agregado como emprego, impostos indiretos, salários, excesso operacional e consumo de capital;

p) Deveriam ser usados dados de fontes específicas rurais para compilação e análise da Contabilidade Satélite. Para legitimar isso só deveriam ser usadas extrapolação econômica e formulações de tradução quando necessárias para construir ou completar dados perdidos ou incorretos;

q) Pesquisa da Contabilidade Nacional deveria ser documentada e disponível completamente e publicamente com detalhes das suposições e estimativas usadas na análise;

r) Deveriam ser aumentados os sistemas de Classificação de Produto existentes e pesquisas de consumo pessoais com maior detalhe para ajudar na identificação do consumo turístico real.

(...)

Este tipo de Análise Satélite das contas relativas a Viagem & Turismo envolve alguma reestruturação de classificações centrais e a introdução de elementos complementares que diferem da estrutura central conceitual (como a identificação da produção de atividades subordinadas) sem divergir drasticamente dos conceitos nos quais a estrutura central é construída.

No mesmo documento da WTTC / ONU, ainda existem as seguintes orientações:

21.49 Análise Satélite pode ser aplicada a vários aspectos de contas nacionais. A orientação é se concentrar em um campo para possibilitar um

estudo mais aprofundado, de um modo sistemático, estabelecendo uma armação de contabilidade específica, articulado com a armação central.

21.50 As suas relações com a armação central, são muito específicas, pois a armação satélite não pretende cobrir toda a atividade econômica, é uma armação ego-consistente em um domínio parcial. Adequando algumas contradições da armação central que é principalmente de natureza institucional, a armação (ou conta) de satélite é realizada através de hipóteses funcionais.

21.51 Essa funcionalidade deve considerar toda a extensão de atividades relacionadas ao produto e uma generalização por aproximação. É então possível tentar projetar uma armação de contabilidade para cobrir uma grande variedade de casos.

21.53 Analisar um campo específico a fundo enquanto preserva a possibilidade de calcular alguns agregados significativos como despesa nacional. A partir de uma análise da demanda. Isto corresponde às perguntas "quantos recursos são dedicados? ou identificação do quanto é gasto em Viagem & Turismo?". Para responder estas perguntas, são utilizados:

a) Os bens e serviços considerados específicos a este campo [Viagem & Turismo], onde despesa nacional inclui os usos (atual ou para formação de capital) destes produtos específicos;

Obs: As atividades relacionadas com o Turismo estão sendo descritas por vários organismos internacionais ligados ao turismo, dentre os quais a SICTA da OMT e o CPC da EUROSTAT, mas só SICTA começa a identificar as atividades mais importantes.

b) As atividades para as quais são registradas informações importantes;

c) As transferências que são consideradas específicas a este campo, somente serão um componente separado de despesa nacional à extensão que já não são incluídos no valor de usos dos produtos específicos (caso contrário, só serão analisados em relação a financiamentos).

21.59 O campo de uma determinada conta satélite é delineado essencialmente definindo o conteúdo dos vários tipos de usos a serem incluídos nos agregados específicos pertinentes para este campo.

21.61 O primeiro passo é definir os bens e serviços que são considerados específicos a este campo.

Essas orientações servem como análise para a primeira metodologia e que leva em considerações variáveis macro-econômicas, nem sempre, possíveis de serem utilizadas em simulações de uma Área Turística ou em um conjunto de atrativos de um Destino Turístico.

2.1.2.2 - Sistema de Contas Nacionais

Unidades institucionais são as unidades econômicas que são capazes de possuir recursos e adquirem obrigações para o seu próprio interesse e são centros de decisão para todos os aspectos da vida econômica. Há cinco tipos diferentes de unidades institucionais, incluindo: corporações não-financeiras, corporações financeiras, governo geral, empresas nacionais e instituições sem fins lucrativos.

A economia total é definida em termos de unidades institucionais e consiste em todas as corporações que têm um interesse econômico por um ano ou mais - no território econômico de um país. Todas as outras unidades institucionais são consideradas o resto do mundo.

Unidades institucionais (como corporações) podem produzir vários tipos de bens e serviços. Estes bens e serviços são resultados de processos de produção diferenciados como materiais e mercadorias consumidas, tipo de equipamentos e trabalhos gerados e técnicas utilizadas. Em outras palavras, eles podem advir de diferentes atividades econômicas. Viagem e Turismo é uma dessas atividades.

Em condições práticas, WTTC/WEFA implementou este procedimento novo por:

- Viagem & Turismo ser um complexo sistema de atividades, bens e serviços incluídos;
- Aplicando esta definição para desenvolver um método para computar os componentes da demanda-marginal do PIB: consumo, investimento, governo e exportações líquidas;
- Empregando quadros Input-Output para traduzir demanda-marginal em medidas de provisão lateral: emprego e compensação, depreciação, excesso operacional e impostos indiretos.

A WTTC define a Indústria de Viagem & Turismo, através de estudos da Organização Mundial de Turismo que definem o Turismo como "atividades de pessoas viajando e permanecendo em lugares fora do ambiente habitual com tempo inferior a um ano para lazer, negócio e outros propósitos." Seguindo a OMT, essa definição inclui essas atividades econômicas relacionadas à viagem de uma pessoa.

Embora a WTTC/WEFA pesquise nas mesmas fontes que o OMT, no entanto há um elemento onde diferem na interpretação. O relatório da OMT procura definir "ambiente habitual" em termos de distância, duração ou localização. Este critério tem limitações. Viagem à trabalho, por um lado, e viagem à lazer, no outro, possuem os mesmos processos

sobrepondo alcances de distância e tempo. Então, a definição de que tipos de viagem é incluída em Viagem & Turismo pode e varia de tempo-para-tempo, lugar-para-lugar e país-para-país. Para evitar este problema, acreditam que a definição de Viagem & Turismo tem que resistir a distância rígida, duração ou critério de localização e tem que aprofundar-se em uma visão mais detalhada de viagem “além do ambiente habitual” usando aproximações estatísticas onde seja viável interpretar o “ambiente habitual.” A idéia é deixar o turista determinar com os seus dados quando e onde separa-se a linha entre ambiente habitual e Viagem & Turismo.

Há um consenso geral, como indicado pelas Contas Satélites de Turismo da OMT que o consumo total (antes, durante e depois) de uma viagem que é diretamente associada à viagem como despesas de viagem, hospedagem, alimentação e várias outras compras, deveriam ser incluídas na Conta Satélite.

Também são incluídas despesas realizadas pelos amigos, parentes e sócios dos viajantes, medidas através de amostragem em entrevistas nos portões de saídas dos destinos turísticos. Atualmente a OMT prevê a inclusão de certos artigos duráveis para alguns tipos de consumo turístico. Não foram incluídos tais artigos em estudos tradicionais dos impactos econômicos do turismo nacional.

Para mensuração dos impactos econômicos do turismo, foi desenvolvido um modelo de simulação, dividido em duas partes:

Figura 2 - MENSURAÇÃO PRIMÁRIA - PRIMEIRA PARTE

ITEM	DEMANDA TURÍSTICA
1	CONSUMO PESSOAL Duráveis Não-duráveis Serviços
2	VIAGENS DE NEGÓCIOS Empresas Governo
3	EXPORTAÇÃO (VISITANTES INTERNACIONAIS) Serviços Propaganda
4	DESPESAS GOVERNAMENTAIS – INDIVIDUAL
5	CONSUMO TURÍSTICO (DEMANDA DOS VISITANTES)
7	DESPESAS GOVERNAMENTAIS – COLETIVAS
8	CAPITAL DE INVESTIMENTO Setor Privado Setor Público
9	EXPORTAÇÃO (Não-visitantes) – Turismo Mundial Propaganda
	TOTAL DA DEMANDA TURÍSTICA

FONTE: WTTC: www.wttc.org, web, 1999.

A figura 2 mostra a composição dos fatores econômicos do turismo que são utilizadas para a mensuração econômica primária (efeitos diretos) do turismo, utilizando as variáveis de gastos e investimentos realizados por empresas públicas e privadas, incluindo o gasto total do governo. No entanto, vale ressaltar, como já dito anteriormente, que são dados obtidos com os desempenhos anteriores da atividade, não possibilitando simulações para o desempenho futuro, nem mesmo pela análise de uma série histórica, por não considerar efeitos de instabilidade econômica de países emergentes e não industrializados.

Figura 3 - DETERMINAÇÃO DO VALOR ADICIONADO (valor agregado) – SEGUNDA PARTE

Para este caso é utilizado o quadro de Input-Output, já referido no trabalho (metodologia da OMT).

ITEM	PROVISÃO – INDÚSTRIA DO TURISMO
1	PIB DA INDÚSTRIA DO TURISMO (PIB direto, derivado do consumo turístico)
2	PIB DIRETO E INDIRETO DA INDÚSTRIA DO TURISMO
3	IMPORTAÇÕES DA INDÚSTRIA DO TURISMO
4	EMPREGABILIDADE DA INDÚSTRIA DO TURISMO
5	IMPORTAÇÕES (indiretas) PELA INDÚSTRIA DO TURISMO
6	EMPREGABILIDADE (indiretos) PELA INDÚSTRIA DO TURISMO
7	COMPONENTES DO PIB DA INDÚSTRIA DO TURISMO Compensação, excesso operacional, depreciação, subsídios, taxas indiretas
8	MEDIDAS DIRETAS E INDIRETAS DA INDÚSTRIA DO TURISMO

	PROVISÃO – ECONOMIA DO TURISMO
9	PIB DA ECONOMIA DO TURISMO (PIB direto e indireto derivada da demanda turística total)
10	COMPONENTES DO PIB DA ECONOMIA DO TURISMO Compensação, excesso operacional, depreciação, subsídios, taxas indiretas
11	IMPORTAÇÕES DA ECONOMIA DO TURISMO
12	EMPREGABILIDADE DA ECONOMIA DO TURISMO
13	MEDIDAS DIRETAS E INDIRETAS DA ECONOMIA DO TURISMO

FONTE: WTTC: www.wttc.org, WEB, 1999.

A figura 3 mostra a composição dos fatores econômicos do turismo que são utilizadas para a mensuração econômica agregada (efeitos indiretos) do desempenho da atividade turística. Seria bastante oportuno, neste segundo caso, a composição com o desempenho econômico dos fatores citados em seus setores de origem, uma vez que permitiria a

simulação de interferências futuras ou modificações possíveis na formação do agregado econômico do turismo.

Algumas fórmulas são utilizadas para determinação de algumas variáveis. Os resultados são utilizados, ainda, em outras fórmulas para a análise dos impactos totais do turismo. A WTTC utiliza duas metodologias, uma para os países OCDE¹⁹, considerados os países ricos. A outra é uma adaptação desta primeira, através de estudos e simulações para adaptação nos demais países.

2.1.3 Metodologia Adotada por Manuel Figuerola Palomo

Efeito Multiplicador do Turismo

O método utilizado pelo autor, baseia-se na fórmula do multiplicador simples Keynesiano:

$$K = \frac{1}{1 - \frac{\Delta C}{\Delta R}}$$

A dificuldade encontrada, basicamente, é a de estimar a propensão marginal média de consumo para o tempo considerado.

Uma variação adaptada ao caso turístico originado pela demanda, é a seguinte:

$$K = \frac{\Sigma [P_1 + P_2 + Y_1 + Y_2 - (B_1 + B_2 + A_1 + A_2)]}{GT}$$

Onde:

$P_1 + P_2 =$ Produção direta e indireta
 $Y_1 + Y_2 =$ Rendas Diretas e Indiretas
 $B_1 + B_2 =$ Excedente direto e indireto
 $A_1 + A_2 =$ Amortização direta e Indireta
GT = Gasto Inicial de Turismo

Seguindo a teoria do multiplicador de investimentos, a formulação demonstra a adição de novos gastos originados pelo incremento de renda resultante de um investimento inicial.

O processo se caracteriza por uma adição de novos gastos de consumo (gastos secundários ou derivados de um adicional de renda) provocados por um acréscimo de investimento inicial.

GERAÇÃO DE EMPREGOS

$$E_{i0} = \frac{\sum e_{i0}}{D_{i0}} \quad e \quad E_{it} = \frac{\sum e_{it}}{D_{it}}$$

Onde:

E_{i0} : Relação volume de emprego / capacidade do setor (i) para o ano base.

$\sum e_{i0}$: Soma de empregos de um determinado setor (i) no ano base.

D_{i0} : Dimensão ou capacidade física do tipo de oferta analisada

A comparação entre os distintos momentos mostrará a evolução no tempo e a tendência para o setor.

As análises dessas formulações delinearão o perfil do setor para os próximos anos, como por exemplo, aonde estão sendo gerados os

¹⁹ Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Instituição criada em

empregos em turismo, quais os demais setores impactados na geração dos empregos e a capacidade de crescimento da atividade em relação a estruturação dos equipamentos e os serviços necessários.

2.1.3.1 Modificação das Estruturas de Consumo (Núcleo Receptor)

A influência da atividade turística sobre o consumo e sua estrutura, poderá manifestar-se através de duas formas de ação:

- Incidindo em sua variação positiva ou incremento;
- Modificando sua estrutura ao qualificá-la e fazê-la mais seletiva.

Para medir, em termos percentuais, o incremento adicional ocasionado pelo turismo, para a primeira forma, o autor utiliza a seguinte fórmula:

$$\Delta C = \frac{D_t \times P_m}{P_r \times 365 + D_t \times P_m} \times 100$$

Onde:

D_t : Demanda turística

P_m : Permanência média

P_r : População residente

Estas formulações, utilizadas por PALOMO (1985) em seus estudos e assessoria à OMT, servem para demonstrar a prática da utilização das

variáveis, ilustrando a parte teórica (mais complexa) do estudo realizado, uma vez que aplica algumas das variáveis citadas em fórmulas já utilizadas e consagradas.

Ainda, permite uma análise primária da metodologia, a qual poderá compor, futuramente, parte da metodologia final para análise dos impactos econômicos do turismo doméstico em nível regional e nacional.

É importante ressaltar que as variáveis utilizadas na metodologia que será proposta em outro estudo sejam adaptadas às realidades regionais, como fica esclarecido no item 1.1 que descreve a metodologia adotada.

2.1.4 Metodologia da Paraná Turismo

A metodologia da Paraná Turismo está embasada no processo indicado pela EMBRATUR²⁰, sendo que o projeto de cooperação EMBRATUR – UNIÃO EUROPÉIA tem como parte integrante a elaboração de um modelo econométrico que permita:

- indicar os efeitos do turismo sobre a economia dos estados, permitindo descobrir a relação de causa e efeito do turismo na economia do Paraná;
- facilitar as previsões desses efeitos para anos futuros;
- criar um sistema de informações que possa ser utilizado para fins de divulgação dos benefícios econômicos junto aos empresários e às pessoas encarregadas de decisões na área da política econômica.

²⁰ Através do Addendum nº 1 à Convenção NTP/87/984, assinado entre EMBRATUR e União Européia – EU, em 2 de setembro de 1992, a EU comprometeu-se em apoiar técnica e financeiramente a EMBRATUR no desenvolvimento de uma metodologia capaz de mensurar os benefícios econômicos do turismo, nas diversas Unidades Federadas.

Essa metodologia recebeu o nome de TURINFO – participação do turismo na economia estadual. Sendo utilizada em acordo entre algumas entidades públicas em 1995, após esse ano, não mais foi registrada sua utilização por sua complexidade de construção e análise de dados.

Torna-se importante ressaltar que no processo de adaptação dessa metodologia a realidade paranaense foram introduzidas novas variáveis, pretendendo estabelecer o impacto econômico, social e da percepção do produto, através do desempenho da atividade no Paraná.

A importância de se estudar essa metodologia está na distribuição de suas variáveis na construção de formulações que permitissem a verificação dos efeitos do turismo no Paraná, comparando-se essas variáveis ao que está sendo verificado nas demais metodologias analisadas.

2.1.4.1 Base de Dados do TURINFO

A base de dados do TURINFO é constituída por três tabelas ou planilhas (comércio, transportes e serviços), e foram formadas por bases cronológicas de 1985 até 1992. O modelo desenvolvido para relacionar os dados macroeconômicos e os dados turísticos pressupõem uma base de dados mais ou menos homogênea, buscando evitar o desenvolvimento de sistemas novos.

Os dados, então, foram retirados dos censos econômicos dos anos 1980 e 1985 para estabelecimentos médios e grandes²¹, divulgados pelo

²¹ O IBGE classifica os estabelecimentos pequenos baseando os números de empregados remunerados com menos de 5 empregados. Este fato reduz o número de estabelecimento consideravelmente, mas não deve ter importância maior sobre dados como receitas, despesas e mesmo o número de empregados das atividades.

IBGE. Atividades especiais, ligadas ao turismo, capazes de refletir os valores gerados no setor (investimentos, emprego, salário, despesas, receitas etc.) foram selecionadas pela EMBRATUR.

Para medir a participação da atividade turística na economia estadual, poderia ter sido feita escolha entre dois caminhos. Primeiro, pressupõe-se que qualquer atividade econômica tem uma porção turística. Por exemplo, um automóvel pode ser utilizado para transporte turístico e não turístico. Assim, deve-se estimar qual o percentual destinado ao consumo turístico, de cada uma destas atividades. O outro caminho, adotado no TURINFO, é menos abrangente: separa dentro de três setores básicos da economia – agropecuária, indústria, comércio e serviços²² aqueles sub-setores que tem uma relação notável com o turismo. Esses sub-setores são: comércio, outros serviços e transportes. Essas atividades foram identificadas pelos códigos do IBGE.

Em trabalho anteriormente desenvolvido pela EMBRATUR²³ foram listadas 50 atividades, das quais 14 principais foram selecionadas para a elaboração do TURINFO.

Para ilustrar o descritivo acima, utiliza-se a fórmula desta Autarquia para determinar a Renda Turística de alguns municípios turísticos.

$$R_t = P_m \times G_t \times D_t$$

Onde:

R_t : Renda Turística

P_m : Permanência Média

G_t : Gasto diário do turista

D_t : Total de Turistas (estimado)

²² O setor básico comércio e serviços é subdividido em setor de comércio, transporte e outros serviços. É importante observar que a designação serviço é utilizada para **outros serviços** do setor serviço.

²³ Métodos de Estimativa dos Impactos do Turismo na Economia Brasileira, EMBRATUR, Brasília, 1991.

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após comparação entre as quatro metodologias analisadas, fez-se necessária uma breve descrição das semelhanças encontradas, uma vez que, a partir deste pressuposto é que iniciar-se-á o processo para a definição das variáveis que poderão compor uma metodologia própria para determinação de uma Matriz para análise de Impactos Regionais do Turismo.

Deste princípio, este trabalho abre um campo para os estudos e pesquisas posteriores necessários à formulação de hipóteses para o consenso sobre uma metodologia para análise dos impactos regionais do turismo.

A análise das metodologias também demonstrou que a OMT e a WTTC determinaram fórmulas que permitem a contabilidade da atividade, de maneira mais ampla e que permitam uma análise das tendências para o Turismo Mundial.

As formulações utilizadas por Palomo e pela Paraná Turismo são metodologias mais específicas para realidades locais, representando uma análise da situação presente ou passada.

3.1 ANÁLISE DAS METODOLOGIAS PARA ANÁLISE DOS IMPACTOS ECONÔMICOS DO TURISMO

Para as metodologias analisadas percebe-se que as variáveis utilizadas são respectivas às economias nacionais ou relativas à padrões mundiais, não permitindo um aprofundamento sobre a atividade turística

doméstica, exceção feita somente aos estudos desenvolvidos no acordo EMBRATUR e União Européia - UE.

No caso específico da WTTC é utilizado como padrão a metodologia dos Estados Unidos, e estimativas para outros países da OCDE levam como ponderação os índices americanos, além de serem utilizados para um número limitado de países, denominados ricos. Introduziu-se recentemente uma análise da Argentina e Brasil, mas apenas relativo à participação desses países no Turismo Mundial.

FIGUEROLA (1985) direciona seus estudos para a possibilidade de um macro planejamento turístico, embasado em hipóteses formuladas a partir de complexas equações econométricas e suas adaptações para o turismo. No entanto, novamente são fórmulas que utilizam variáveis nacionais, não permitindo sua aplicação para desenvolvimento do turismo doméstico (nacional).

3.2 POR QUE ANALISAR O TURISMO DOMÉSTICO?

É importante ressaltar que o Turismo Doméstico redistribui a Renda internamente, possibilitando a diminuição das grandes distâncias sociais existentes no Brasil.

Em nível mundial, logicamente se deveria preocupar com a participação brasileira no mercado turístico, no entanto, de pouco adianta se ter grande fluxo receptivo internacional focalizados nos raros destinos internacionais do Brasil, como Rio de Janeiro, São Paulo, e Salvador, além de Foz do Iguaçu, Manaus, Brasília, sendo estes os mais expressivos, entre

outros que recebem o turismo estrangeiro através dos grandes portões de entradas²⁴.

É necessário uma política nacional para o turismo doméstico, visando contemplar destinos turísticos historicamente desenvolvidos a partir do turismo doméstico, como inúmeras cidades litorâneas onde são praticados o veraneio, como todo o litoral paranaense, Santos, Búzios, Niterói, Cabo Frio, São Francisco do Sul, Camboriú, entre inúmeras outras, cidades interioranas com famosas festas regionais e nacionais, como Barretos, Blumenau, Olinda, etc. e também as famosas cidades históricas como Petrópolis, Ouro Preto, e várias outras do Brasil Imperial e Republicano.

É sabidamente complexo definir um planejamento sem o embasamento oferecido pelos dados econômicos, daí a importância de se analisar metodologias que possuam referências nos dados nacionais para pesquisas sobre o fluxo doméstico nacional de turismo e seus respectivos impactos nas economias municipais e regionais.

3.3 INDICATIVOS PARA UMA METODOLOGIA DOMÉSTICA

Para se realizar um estudo mais aprofundado a ponto de se determinar as fórmulas necessárias para a medição dos impactos econômicos do turismo doméstico, serão precisos ainda, além de uma equipe interdisciplinar de especialistas de áreas como economia, turismo, administração pública, matemática, estatística e outras, uma revisão nas contas nacionais, uma vez que as estimativas utilizadas para determinar a Matriz Insumo-Produto Brasileira está bastante defasada, por não ter sido atualizada desde 1985 (sendo que após esta data houveram grandes modificações no sistema produtivo e no mercado consumidor).

²⁴ EMBRATUR. Anuário Estatístico. Brasília: EMBRATUR, 1998.

4 A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DE UMA MATRIZ PARA O TURISMO

A construção da Matriz Insumo-Produto Turística – MIPT é importante para análises dos fluxos produtivos da atividade turística no Brasil, ou em estados isolados.

A partir da determinação das relações dos produtores, ficará bastante fácil determinar políticas que permitam o desenvolvimento sustentável do turismo, em nível nacional, ou em termos regionais dentro das particularidades das motivações dos fluxos turísticos.

Para que se possa determinar uma matriz ideal para a análise dos impactos do setor de turismo na economia regional, foi necessária uma primeira análise das metodologias existentes e dos agregados econômicos, das quais a Matriz Insumo-Produto – Leontief, mostrou-se mais coerente para os propósitos da pesquisa, pois, conforme ROSSETTI (1991), permite fazer previsões da produção de cada setor, fixada algumas metas de demanda (relativas ao estudo). Permite ainda, uma visão imediata dos prováveis resultados da utilização de diversas alternativas de política econômica. Por exemplo, se as autoridades resolverem incentivar a produção de bens de consumo, é possível estimar-se o que deve ocorrer com a produção dos demais setores.

Com o princípio de possibilitar um estudo e uma compreensão mais aprofundados sobre o efeito do turismo nas economias regionais e, assim, determinar políticas e programas reais de desenvolvimento turístico, é necessário aplicar matrizes que demonstrem o desempenho do setor e seu respectivo impacto econômico-regional.

Para tanto é proposto inicialmente à formulação dessa Matriz, deixando para um segundo momento as formulações necessárias à análise dos impactos econômicos do turismo.

No entanto, conforme o TURINFO, para os estados do Brasil, a elaboração de uma Matriz Insumo-Produto Turística será difícil pelos seguintes motivos:

- Os últimos censos econômicos são dos anos 1980 e 1985. (Censo Econômico do IBGE, Rio de Janeiro, Brasil);
- Para elaborar as "Contas Regionais" que seriam uma adaptação metodológica da Contas Nacionais para os dados do desempenho econômico regional deveriam existir as matrizes de Insumo-Produto dos estados, pois conforme o IBGE apenas alguns estados conseguiram analisar sua economia, que infelizmente existem somente em casos isolados, sendo impossível a elaboração das Contas Satélite para o Turismo;
- O sistema de Contas Nacionais mede os intercâmbios entre vários setores industriais e econômicos. Efeitos secundários ou retardados só poderiam ser analisados por um estudo de série cronológicas de matrizes Insumo-Produto anuais;

Isso não pressupõe a impossibilidade de se determinar uma Matriz para o Paraná, pois o Estado possui um amplo sistema de informações econômicas recentemente trabalhada para a instalação de indústrias que transformaram o perfil das atividades produtivas.

Dentro do que foi estudado fica evidenciado o seguinte sobre as variáveis utilizadas.

PRINCIPAIS VARIÁVEIS ECONÔMICAS UTILIZADAS NO TURISMO

Como resultado concreto deste trabalho, fica a identificação das variáveis de ampla adoção nas formulações econômicas. Estas foram separadas da seguinte maneira:

a) Variáveis Fundamentais:

DEMANDA:

1. **Nível de Renda:** quantidade de renda acumulada pela pessoa física num determinado período, sendo analisado no conjunto da demanda turística e segmentado por níveis de renda.
2. **Motivações para deslocamento:** turismo (lazer), negócios, saúde, etc.
3. **Elasticidade:** comportamento da demanda em relação as variações de outros fatores como preço, por exemplo.
4. **Perfil Sócio-econômico:** tipo de consumo, hábitos e costumes, nível cultural e preferências.
5. **Sazonalidade:** períodos de maior e menor consumo durante um determinado período de tempo, normalmente um ano.
6. **Permanência do Turista:** quantidade de dias que o turista permanece na destinação turística. É, geralmente, medida através de pesquisas por amostragem nos pontos de saída da localidade receptora.

7. **Fluxo Turístico:** quantidade de turistas que visitam uma localidade em um determinado período de tempo, normalmente um ano.
8. **Tipos de Consumo:** separação do consumo turístico em consumo em hospedagem, consumo em lazer, consumo em alimentação, consumo em transporte e outros gastos.
9. **Meio de Transporte:** quantidade de cada tipo de transporte (terrestre, aquático ou aéreo) utilizado para deslocamentos na e para a destinação turística.

OFERTA:

10. **Preços dos produtos turísticos:** valor de troca comercial dos produtos turísticos, e variação destes em um determinado período, normalmente um ano.
11. **Preços de outros bens:** valor de troca comercial dos produtos que complementam ou substituem os turísticos, e variação destes em um determinado período, normalmente um ano.
12. **Utilidade Turística:** tipo e período de utilização dos equipamentos e serviços turísticos, dos recursos ambientais (humanos, naturais e culturais).

13. Comportamento da Oferta: expansão e retração em determinados períodos, devido a investimentos ou outras modificações econômicas.
14. Qualidade e quantidade da oferta em relação a demanda e ao mercado turístico.
15. Flexibilidade de uso dos equipamentos e serviços: possibilidade de utilização diferente da usualmente praticada, produtividade em turismo.

b) Variáveis Complementares:

16. Multiplicadores Econômicos do Turismo: índice de incremento na economia, devido a entrada de divisas estrangeiras, trazidas pelo consumo turístico. Adaptação das metodologias de multiplicadores econômicos.
17. Políticas Econômicas, Sociais e Ambientais: tratamento, objetivos e estratégia do governo para assuntos pertinentes à sociedade e ao turismo.
18. Tipo de Mercado econômico: prática macroeconômica determinada pelo governo em relação às empresas, o consumo, exportações e importações.

c) Variáveis Genéricas

19. Índices econômicos: estatísticas da economia geral utilizadas nas formulações econômicas para turismo, como inflação, crescimento

econômico, renda *per capita*, expectativa de vida, rendimentos sobre investimentos, desenvolvimento dos setores econômicos, etc.)

20. Outros Fatores: demais índices utilizados na economia para medir impactos econômicos de outros setores econômicos.

No entanto, (RABAHY 1990, p. 39) coloca a seguinte afirmação sobre o assunto a medição econômica do turismo, através das formulações existentes (...) apresentam uma série de restrições, destacando-se o problema dos custos de uma pesquisa dessa natureza e os problemas da qualidade das informações (...). A amostra pesquisada pode não representar adequadamente o verdadeiro fluxo turístico (...).

Outra informação fundamental, já mencionada, é a da não confiabilidade da Matriz Insumo-Produto brasileira, construída em sua última versão em 1985, período em que a realidade econômica do Brasil era totalmente diferente do atual contexto econômico brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente as metodologias adotadas para a mensuração econométrica do turismo, em termos regionais, não são capazes de se aproximar teoricamente dos resultados reais, pois não há, o embasamento de parâmetros econômicos ou matrizes atualizadas nas regiões brasileiras (Matriz Insumo-Produto em nível municipal ou regional); para que as formulações estejam adequadas ao avanço tecnológico da indústria e aos atuais padrões de consumo, tendo em vista a matriz insumo-produto de Leontief ou mesmo a MIPT.

A revisão metodológica, proposta neste trabalho, possibilitou uma maior reflexão na importância prática e científica de uma matriz de aplicação econômica para determinar os impactos da atividade turística em locais onde os fluxos turísticos sejam preponderantemente regionais ou nacionais, assim, possibilitando, com isso, a determinação de políticas corretas para o desenvolvimento local da atividade, pelos poderes públicos.

Além disso, será possível, então, a construção da MIPT no Paraná, a princípio, sofrendo adaptações posteriores para outros estados que possuam as estruturas necessárias às Contas Satélites de Turismo.

Fica, todavia, reservado aos próximos estudos relativos à Econometria e suas variações para o turismo aplicada em nível regional, as

formulações necessárias e as pesquisas interdisciplinares que embasarão a necessária metodologia objeto inicial deste trabalho, mas que por motivos óbvios de tempo e capacidade técnica e científica, foram desviados para apenas a revisão da literatura.

Conforme Barreto (1995) os estudos econométricos relativos ao turismo, chamado pela autora de Teorometria, no Brasil, é empregado de forma diferente, para designar um estudo mais ampliado da aplicação da econometria para o turismo, diferente de outras interpretações da Teorometria que analisa apenas o desempenho da atividade.

Dessa forma, cabe a construção, aqui colocada como proposta, de uma descrição das variáveis econômicas do turismo, amplamente utilizada por uma minoria que estuda os fenômenos econômicos do turismo, mas que não consegue traduzir para um alcance genérico as formulações que dão origem às estatísticas de turismo.

O próximo passo, então, fica primeiramente o comprometimento com a facilitação da linguagem econômica, ora utilizada para o turismo, para então, iniciar a construção de uma metodologia baseada na MIPT.

BARRETO (1995, p. 103) afirma ainda que a teorometria, tanto no conceito de estatística como no de econometria aplicada ao turismo, contribui para o remanejamento das correntes turísticas, pela via do planejamento, visando incrementar o fluxo nas baixas temporadas e

realizar um marketing de contenção (evitar a saturação) para manter um turismo sustentado nas altas temporadas.

“(...) são medições importantes para, baseado no estudo das tendências passadas, poder planejar o turismo no futuro imediato ou remoto do núcleo em questão”.

Para que o planejamento turístico, em termos econômicos e sociais atinja metas aceitáveis de desenvolvimento, este deverá estar embasado nas estatísticas existentes, e para que tenhamos maior confiabilidade das estatísticas é aconselhável²⁵ atualmente a combinação de técnicas estatísticas com pesquisa antropológica: observação e estudo de caso. A observação, que pode ser participante ou não, permite analisar o que está acontecendo e ver em que medida os fatos correspondem àquilo que os sujeitos dizem a respeito; o estudo de caso serve para penetrar em profundidade nos sentimentos e nas motivações das pessoas. Este tipo de pesquisa tende a tornar-se mais importante na medida em que o turismo de massa começa a ceder seu lugar ao turismo de interesse específico, pois as questões qualitativas passam a ter mais relevância que as quantitativas.

Assim, serão necessários ainda maiores e melhores estudos sobre as variáveis econômicas do turismo regional, acrescentando-se às já existentes, apresentadas no trabalho e definindo as inter-relações dessas

25 BARRETO, Margarita. Manual de iniciação ao estudo do turismo. Campinas, SP: Papirus, 1985. (Coleção Turismo), p.105.

variáveis nas formulações de hipóteses para a construção métodos que levem, finalmente à metodologia para análise dos impactos do turismo em termos regionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALTAZAR, Diamantino Duarte. Turismo: dinâmica social e econômica. São Paulo: ICEN, 1982.
- BARRETO, Margarita. Manual de iniciação ao estudo do turismo. Campinas, SP: Papirus, 1985. (Coleção Turismo)
- BOTE GÓMEZ, Venâncio. Planificación económica del turismo: de una estrategia masiva a una estrategia artesanal. México: Trillas, 1990.
- CÁRDENAS TABARES, Fabio. Proyectos Turísticos: localización e inversión. México: Trillas, 1991 (reimp. 1994).
- EMBRATUR. Anuário Estatístico. Brasília: EMBRATUR, 1998.
- _____. TURINFO: Participação do Turismo na Economia Estadual, Introdução ao Sistema. Brasília: EMBRATUR, 1994
- FIGUEROLA PALOMO, Manuel. Teoría Económica del Turismo. Madrid: Alianza Editorial, 1985.
- FURMAN, Laura. "O mercado turístico". Monografia, UFPR, Curitiba, dezembro, 1996.
- IGNARRA, Luiz Renato, Fundamentos do Turismo. São Paulo: Pioneira, 1999.
- JORGE, Fauzi Timaco; MOREIRA, Jose O. de C. Economia: notas introdutórias. São Paulo: Atlas, 1992.

LAGE, Beatriz; MILLONE, Paulo. Economia do Turismo. São Paulo: Papirus, 1992.

MATHIESON, Alister. Turismo: repercusiones sociales, económicas y físicas. México: Trillas, 1990.

_____. Desenvolvimento de Turismo Sustentável: manual para organizadores locais. Brasília: EMBRATUR, 1994.

_____. Introducción al Turismo. Madrid: OMT, 1999.

PINHO, Diva B.; VASCONCELLOS, Marco A. S. de: Manual de Economia. São Paulo: Saraiva, 1992.

RABHAY, Wilson A. Planejamento do Turismo: estudos econômicos e fundamentos econométricos. (apresentação de Roberto Macedo). São Paulo: Loyola, 1990.

ROSSETTI, José Paschoal. Introdução a Economias. 15ª ed., rev., atualizada, São Paulo : Atlas, 1991.

WTTC. World Travel & Tourism Council. Site oficial www.wttc.org.

BIBLIOGRAFIA

BALTAZAR, Diamantino Duarte. Turismo: dinâmica social e econômica. São Paulo: ICEN, 1982.

BARRETO, Margarita. Manual de iniciação ao estudo do turismo. Campinas, SP: Papirus, 1985. (Coleção Turismo)

BENI, Mário Carlos. Análise Estrutural do Turismo. São Paulo: Senac, 1998.

_____. Globalização do Turismo - Importância Econômica e Social e seu desenvolvimento sustentável a realidade brasileira. São Paulo (*paper*)

BOTE GÓMEZ, Venâncio. Planificación económica del turismo: de una estrategia masiva a una estrategia artesanal. México: Trillas, 1990.

CÁRDENAS TABARES, Fabio. Proyectos Turísticos: localización e inversión. México: Trillas, 1991 (reimp. 1994).

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. Métodos e técnicas de pesquisa em turismo. São Paulo: Futura, 1998.

PINHO, Diva B.; VASCONCELLOS, Marco A. S. de: Manual de Economia. São Paulo, Saraiva, 1992.

EMBRATUR. Anuário Estatístico. Brasília: EMBRATUR, 1998.

_____. Diretrizes do Programa Nacional de Municipalização do Turismo / elaborado pela Gerência de Programas Nacionais; Supervisão de Projetos de Descentralização. Brasília: EMBRATUR, 1997.

_____. TURINFO: Participação do Turismo na Economia Estadual, Dados Técnicos do Modelo relativo ao Paraná. Brasília: EMBRATUR, 1994

_____. TURINFO: Participação do Turismo na Economia Estadual, Introdução ao Sistema. Brasília: EMBRATUR, 1994

- FIGUEROLA PALOMO, Manuel. Teoría Económica del Turismo. Madrid: Alianza Editorial, 1985.
- FURMAN, Laura. "O mercado turístico". Monografia, UFPR, Curitiba, dezembro, 1996.
- JORGE, Fauzi Timaco; MOREIRA, Jose O. de C. Economia: notas introdutórias. São Paulo: Atlas, 1992.
- LAGE, Beatriz; MILLONE, Paulo. Economia do Turismo. São Paulo: Papyrus, 1992.
- MARTINS, Chary Kellen Gotelipe; KOHIYAMA, Livia Mari. "MERCOSUL: prestação de serviços aos pequenos e médios empresários na exportação", Monografia, Faculdades Positivo, Curitiba, dezembro, 1998.
- MATHIESON, Alister. Turismo: repercusiones sociales, económicas y físicas. México: Trillas, 1990.
- MOCHON MORCILLO, Francisco. Introdução a economia. São Paulo : Makron Books, 1994
- OMT. Compendio de Estadísticas del Turismo 1989 - 1993, Madrid: OMT, 1995, 15ª ed.
- _____. Desenvolvimento de Turismo Sustentável: manual para organizadores locais. Brasília: EMBRATUR, 1994.
- _____. Introducción al Turismo. Madrid: OMT, 1999.
- PINHO, Diva B.; VASCONCELLOS, Marco A. S. de. Manual de Economia. São Paulo: Saraiva, 1992.

RABHAY, Wilson A. Planejamento do Turismo: estudos econômicos e fundamentos econométricos. (apresentação de Roberto Macedo). São Paulo: Loyola, 1990.

_____. Fundamentos Econômicos e Quantitativos no Planejamento Turístico. São Paulo: USP, 1992.

ROSSETTI, José Paschoal. Introdução a Economias. 15ª ed., rev., atualizada, Sao Paulo : Atlas, 1991.

SANDRONI, Paulo. Dicionário de Economia. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo. Campinas, SP: Papyrus, 1998. (Coleção Turismo)

_____. Turismo e qualidade: Tendências contemporâneas, 2ª Ed. Campinas, SP: Papyrus, 1996. (Coleção Turismo)

WTTC. World Travel & Tourism Council. Site oficial www.wttc.org.

ZARDO, Eduardo F. Aspectos Econômicos do Turismo. (Apostila da Disciplina de) UFPR, Curitiba, julho, 1998.

GLOSSÁRIO

A

AJUSTAMENTO: linha descrita pela ligação dos pontos de um gráfico cartesiano correspondente a uma série estatística. Quando os pontos estão dispersos pelo gráfico, traça-se uma linha que passe o mais próximo possível de todos os pontos representativos.

ARTESANATO: atividade produtiva individual ou de pequenos grupos de pessoas, em que o trabalhador é dono dos meios de produção e do produto de seu trabalho. No artesanato usam-se instrumentos de trabalho rudimentares, a divisão do trabalho é elementar (o artesão executa todas ou quase todas as etapas de produção) e a produção pode destinar-se para o consumo próprio ou para o mercado.

B

BALANÇA COMERCIAL: relação entre as exportações e as importações de um país. Quando o valor das exportações excede o das importações, o país apresenta um superávit e torna-se credor no estrangeiro; quando, ao contrário, as importações superam as exportações, o país está em dívida com o estrangeiro e apresenta um déficit em sua balança comercial.

BALANÇO DE PAGAMENTOS: relação entre os pagamentos de todos os tipos feitos por um país aos demais países e os pagamentos recebidos por esse país de todo o mundo. Dependendo de sua natureza, as transações econômicas constantes do balanço de pagamentos podem ser divididas em transações correntes e operações de capital. O balanço das transações correntes subdivide-se em balança comercial e balança de serviços. A balança comercial foi descrita acima. Na balança de serviços incluem-se os pagamentos e recebimentos referentes a serviços internacionais – como transportes, seguro, turismo – e os pagamentos e recebimentos de juros e

empréstimos, lucros de capitais aplicados e *royalties* (pagamentos pelo uso de marcas, patentes, etc.). O balanço de capitais registra os capitais de firmas estrangeiras que ingressam no país durante o ano, os capitais aplicados no exterior pelas firmas sediadas no país, os empréstimos estrangeiros ao país e vice-versa, os empréstimos de instituições financeiras internacionais e as amortizações de empréstimos contraídos em exercícios anteriores.

BENEFÍCIOS SOCIAIS: conjunto das melhorias auferidas por uma comunidade em decorrência da implantação de uma indústria, ainda que o empreendimento não esteja voltado para tais objetivos. Entre os benefícios sociais estão o aumento de oportunidades de emprego, o incremento às atividades comerciais e de lazer, o saneamento e a abertura de estradas.

BENS: tudo que tem utilidade, podendo satisfazer uma necessidade ou suprir uma carência. Os bens econômicos são aqueles relativamente escassos ou que demandam trabalho humano. Assim, o ar é um bem livre, mas o minério de ferro é um bem econômico. Existem vários tipos de bens econômicos, podendo-se distingui-los por sua natureza, por sua função na produção, por suas relações com outros bens, por suas peculiaridades no que se refere à comercialização etc. Entre as principais distinções feitas pelos economistas estão: os bens de consumo (alimento, vestuário), os bens de capital ou de produção (máquinas, equipamentos), os bens duráveis (casa), os bens não-duráveis (frutas), os bens mistos (automóvel – que é bem de capital para um taxista e bem de consumo para alguém o utiliza por prazer), os bens necessários (alimentos, roupas), os bens supérfluos (uma jóia), os bens complementares (pneu e volante de automóvel) e os bens sucedâneos (margarina, em relação à manteiga).

C

CÂMBIO: operação financeira que consiste em vender, trocar ou comprar valores em moedas de outros países. Para essas operações são utilizados

cheques, moedas propriamente ditas ou notas bancárias, letras de câmbio, ordens de pagamento etc.

CAPITAL: é um dos fatores de produção, formado pela riqueza e que gera renda. É representado em dinheiro. O capital também pode ser definido como todos os meios de produção que foram criados pelo trabalho e que são utilizados para a produção de outros bens.

CLASSE SOCIAL: cada um dos grande grupos diferenciados que compõem a sociedade. Os critérios para se definir um grupo social como classe são motivo de divergências. De modo geral, nessa caracterização se privilegiam fatores sócio-econômicos tais como riqueza, apropriação dos meios de produção, posição no sistema de produção, profissão, nível de consumo e origem dos rendimentos, entre outros. Considera-se ainda que os membros de uma classe social, além de terem no conjunto os mesmos interesses, tendem a compartilhar valores semelhantes.

COMPORTAMENTO: em termos econômicos, o modo como as pessoas procuram obter o bem-estar material individual e coletivo. O homem econômico procuraria reunir recursos sob seu controle com o mínimo de esforço e redistribuí-los de um modo que proporcione o máximo de satisfação, individual e coletiva.

COMUNIDADE: agrupamento humano cujos participantes possuem interesses comuns e estão efetivamente identificados entre si. É oposta, geralmente, à idéias de sociedade, na medida em que lhe são atribuídas as características de homogeneidade, efetividade e consenso. O sociólogo alemão Ferdinand Tönnies, em sua obra *Gemeinschaft und Gesellschaft*, 1987 (Comunidade e Sociedade), estabelece uma tipologia, segundo a qual a comunidade seria um agrupamento humano onde predominassem a economia doméstica e a organização social fundada nas relações de parentesco e no prestígio.

CONSUMO: utilização, aplicação, uso ou gasto de bem ou serviço por um indivíduo ou uma empresa. É o objetivo e a fase final do processo produtivo, precedida pelas etapas de fabricação, armazenagem, embalagem, distribuição e comercialização.

CONTAS NACIONAIS: sistemas de agregados estatísticos correlatos que registra a atividade econômica global de um país num período determinado, geralmente um ano. O registro contábil é feito pelo método das partidas dobradas, de tal maneira que os agregados são apresentados duas vezes: a débito de uma conta e a crédito de outra. Ao débito corresponde uma despesa ou pagamento; ao crédito, um fundo originário da produção interna do país ou procedente do estrangeiro. Os sistemas de contas nacionais constituem indispensável instrumento de análise para a macroeconomia. Obedecem a uma padronização internacional estabelecida pela ONU e incluem os seguintes itens gerais: Conta do Produto Interno; Conta da Renda Nacional; Contas dos Consumidores; Conta do Governo; Conta das Transações com o Exterior; e conta Consolidada de Capital. Cada conta se compõem de agregados e sub-agregados, apresentados a preços correntes e em termos reais, isto é, a preços deflacionados (corrigidos do efeito inflacionário). Somente com os agregados em termos reais é possível estabelecer tendências do desenvolvimento macroeconômico e comparar os resultados de anos diferentes.

CUSTO-BENEFÍCIO, Análise de: processo usado para a determinação da eficiência econômica global de investimentos públicos em obras infra-estruturais. Comparam-se os custos com os benefícios sociais que provavelmente resultarão do investimento. Segundo esse processo, deve-se escolher entre vários projetos aquele que apresenta maior diferença positiva entre os benefícios globais (econômicos e sociais) e os custos globais. As dificuldades apresentadas por esse processo de análise são a

quantificação dos benefícios sociais, dos custos sociais e a determinação de uma taxa de juros para os captais empregados. O método tem sido usado particularmente para a análise dos benefícios advindos da construção de estradas e outros empreendimentos públicos.

Para esse trabalho também serão considerados os projetos privados de grandes empreendimentos turísticos que repercutem regionalmente.

CUSTOS: avaliação em unidades de dinheiro de todos os bens materiais e imateriais, trabalho e serviços consumidos pela empresa na produção de bens industriais, bem como aqueles consumidos também na manutenção de suas instalações. Expresso monetariamente, o custo resulta da multiplicação da quantidade dos fatores de produção utilizados pelos seus respectivos preços.

CUSTO DE PRODUÇÃO: soma de todos os custos originados na utilização dos bens materiais (matéria-prima, mão-de-obra, depreciação e amortização de máquinas, patentes, gastos diversos) de uma indústria na elaboração de seus produtos.

CUSTOS SOCIAIS: despesas feitas durante o processo de produção e que não são pagas pelos que as ocasionaram, mas por terceiros ou transferidas para toda a sociedade. São as despesas acarretadas, por exemplo, pela poluição do ar e das águas, pela destruição da fauna e da flora, pelos acidentes de trabalho e pelas doenças profissionais, entre outros fatores.

D

DEMANDA: na teoria microeconômica (ou a procura) é a quantidade de um bem ou serviço que um consumidor deseja e está disposto a adquirir por determinado preço e em determinado momento. Dessa forma a demanda

deve explicar o comportamento de um consumidor tomado individualmente, como, por exemplo, um indivíduo interessado na compra de arroz.

A demanda depende de fatores como, por exemplo: 1) preferência do consumidor; 2) poder de compra do consumidor; 3) preços dos outros bens, tanto os bens substitutos, como os complementares; 4) preços do bem em questão; 5) qualidade do bem; 6) expectativas do consumidor quanto a renda pessoal e preços.

DEMANDA AGREGADA (demanda de mercado ou demanda global): quantidade de bens e serviços que a totalidade dos consumidores desejam e está disposta a adquirir em determinado período de tempo e por determinado preço. Obtém-se, portanto, a demanda agregada de um produto somando-se todas as demandas individuais desse produto. A demanda agregada depende de todos os fatores que determinam a demanda individual, mais o número de compradores do bem ou serviço em questão existente no mercado.

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: crescimento econômico (aumento do Produto Nacional Bruto per capita) acompanhado pela melhoria do padrão de vida da população e por alterações fundamentais na estrutura de sua economia.

DIVISAS: letras, cheques, ordens de pagamentos etc. que sejam conversíveis em moedas estrangeiras, e as próprias moedas estrangeiras de uma nação, em poder de suas entidades públicas ou privadas.

E

ECONOMETRIA: ramo da Economia que cuida do estabelecimento de leis quantitativas para os fenômenos econômicos. Partindo da teoria econômica geral, analisa os dados fornecidos pela Estatística, mediante a aplicação de

métodos matemáticos. Com isso, prepara o quadro de variáveis concretas que poderá servir de base a uma programação econômica. Na econometria, o método segue quatro fases: especificação (construção do modelo econométrico, a partir do modelo econômico sugerido); Estimativa (determinação aproximada de parâmetros para os modelos econométricos); Verificação (aceitação ou rejeição das hipóteses apoiadas em determinada teoria econômica) e Previsão (apresentação dos dados que permitam orientar uma política econômica).

EMBRATUR: Instituto Brasileiro de Turismo, entidade governamental criada em 1966, então denominada Empresa Brasileira de Turismo, com o objetivo de incentivar a indústria turística no País. A atuação da EMBRATUR se faz por meio de incentivo fiscais à iniciativa privada para a construção e aperfeiçoamento da infra-estrutura turística do país e do controle de qualidade dos serviços de interesse turístico. Além de incentivos fiscais, o governo participa também com investimentos no setor, tirados o imposto de renda das pessoas jurídicas.

EMPRESA PRIVADA: organização pertencente a indivíduos ou grupos, que produz ou comercializa bens ou serviços com o objetivo de lucro.

EMPRESA PÚBLICA: organização que se destina a garantir a produção de bens e serviços fundamentais à coletividade (transporte, energia elétrica, combustível etc.). É criada por lei e de responsabilidade do Estado.

ESTATÍSTICA: ramo da matemática que lida com os dados numéricos relativos a fenômenos sociais ou naturais com o objetivo de medir ou estimar a extensão desses fenômenos e verificar suas inter-relações.

EXPORTAÇÃO: vendas, no estrangeiro, de bens e serviços de um país. Resulta, como a importação, da divisão internacional do trabalho, pela qual

os países tendem a se especializar na produção dos bens para os quais tem maior disponibilidade de fatores produtivos, garantindo um excedente exportável.

F

FATORES DE PRODUÇÃO: elementos indispensáveis ao processo produtivo de bens materiais. Tradicionalmente, desde *Say*, são considerados fatores de produção a terra (terras cultiváveis, florestas, minas), o homem (trabalho) e capital (máquinas, equipamentos, instalações, matérias-primas). Atualmente costuma-se incluir mais dois fatores: organização empresarial e o conjunto ciência-técnica (pesquisa). A ainda os que consideram cada insumo um tipo particular de fator de produção.

I

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Órgão vinculado à Secretaria de Planejamento da Presidência da República. Sua atribuição básica consiste em fornecer informações e estudos de natureza estatística, geográfica, cartográfica, demográfica, de recursos naturais, meio ambiente e poluição necessárias ao conhecimento da realidade física, econômica e social do país para fins de planejamento econômico e social e segurança nacional.

IMPORTAÇÃO: entrada de mercadorias e serviços estrangeiros em um país.

IMPOSTO: taxa obrigatórias pagas ao Estado, que devem reverter à coletividade sob forma de benefícios de interesse geral: transporte, educação, saúde etc.

INPUT-OUTPUT: ver insumo-produto.

INSUMO-PRODUTO: relação entre os gastos dos fatores de produção e o produto resultante, também conhecido como Input-Output. A análise do Insumo-Produto é uma técnica que quantifica a interdependência dos setores produtivos de uma economia nacional, marcando as transferências de bens de produção de um setor outro.

INVESTIMENTO: aplicação de recursos (dinheiro ou títulos) em empreendimentos que renderão juros ou, lucros, em geral a longo prazo. Num sentido amplo, o termo se aplica tanto à compra de máquinas, equipamentos e imóveis para a instalação de unidades produtivas, como à compra de títulos financeiros (letras de câmbio, ações etc.). Nesses termos, investimento é toda aplicação de dinheiro com expectativa de lucro.

L

LAZER: parte do tempo de que as pessoas dispõem livremente, fora de sua atividade profissional ou produtiva. Autores contemporâneos incluem o lazer entre as necessidades humanas básicas, juntamente com alimentação, moradia, vestuário, saúde e educação. Para muitos, há clara oposição entre lazer e trabalho alienado tornando-o penoso e o lazer se apresenta como uma fuga da rotina e do caráter forçado do trabalho. Marx sustentou que, enquanto o trabalho é a essência do homem, o lazer é o território do desenvolvimento humano – o momento em que o homem, livre do processo produtivo, podia criar intelectualmente. Para Joffre Dumazedier, um dos principais analistas do tema, o lazer é o espaço em que se desenvolve a ação social voluntária e criadora do homem; e, mesmo quando resulta em algo produtivo economicamente, é tipicamente um evento casual, sem objetivo de lucro.

Nas modernas sociedades industriais o consumo do lazer fez surgir uma das mais prósperas atividades econômicas, ligadas à indústria cultural, ao turismo e à realização de grandes espetáculos. Desse modo, o lazer tornou-se cada vez mais comercialmente dirigido, segundo estratégias de marketing, para um desfrute privado, individualizado do lazer e subordinado aos níveis de renda pessoal. Por isso sociólogos, urbanistas, administradores têm salientado a necessidade de incentivo às formas comunitárias de lazer, por medidas como, por exemplo, a criação de amplos espaços urbanos, onde o maior número de pessoas possa viver suas horas de folga, de forma criadora e espontânea.

LEONTIEF, Wassily. Economista russo (1906-1997), radicado desde 1931 nos Estados Unidos, criador da análise de *input-output* (insumo-produto), que estimulou e desenvolveu o enfoque macroeconômico com base em dados reais. Recebeu em 1973 o Prêmio Nobel de Economia.

Ao desenvolver pela primeira vez a análise dos grandes agregados econômicos em termos de insumo-produto, Leontief inspirou-se no sistema abstrato de equações do equilíbrio geral de Walras, dando-lhe, porém, um conteúdo empírico, por meio de dados sobre os diferentes setores que se interrelacionam no processo americano.

Usando análise matemática e computação, estabeleceu à maneira de Quesnay, um "quadro econômico" dos Estados Unidos, onde a economia é descrita em termos de circulação, isto é, como um sistema integrado de fluxos e transferências de insumos e produtos de um setor a outro da produção industrial. Cada setor absorve insumos de outros setores, além de produzir bens e serviços que serão utilizados, por sua vez, por outros setores para serem processados ou para um consumo final. Com o uso desse quadro, é possível detectar as consequências que uma mudança num setor da economia traz para outros setores e para o conjunto.

Os resultados do trabalho de Leontief foram publicados em 1941 no livro *The Structure of the American Economy 1919-1929: An Empirical Application os Equilibrium Analysis* (A Estrutura da economia Norte Americana 1919-1929: Uma Aplicação Empírica da Análise do Equilíbrio). Numa Segunda edição, em 1951, Leontief atualizou os dados até 1939. Em seguida, publicou uma obra mais ampla sobre o assunto, *Studies in the Structure of the American Economy: Theoretical and Empirical Explorations n Input-Output Analysis*, 1953 (Estudos na Estrutura da economia Norte Americana: Explorações Teóricas e Empíricas na Análise de Insumo-Produto).

O método de Leontief, que é uma dinamização da análise estática de Walras, pode ser aplicado tanto aos problemas micro como macroeconômicos.

Leontief estudou em Leningrado e Berlim, foi professor titular de Harvard desde 1946 e ocupou diversos cargos de assessoria no governo dos Estados Unidos e na ONU. Publicou ainda *Essay in economics*, 1966 (Ensaio em Economia); *Input-Output Economics*, 1966 (A Economia do Insumo-Produto); e *The Future of the Worl Economy*, 1977 (O Futuro da Economia Mundial).

M

MERCADO: em sentido geral, o termo designa um grupo de compradores e vendedores que estão em contato suficientemente próximo para que as trocas entre eles afetem as condições de compra e venda dos demais.

Considera-se também o mercado virtual, criado a partir dos incrementos tecnológicos que permitiram um novo ramo a partir da globalização econômica das trocas internacionais realizadas em momentos reais através dos avançados sistemas de comunicação.

MODELOS ECONÔMICOS: construções abstratas de natureza matemática utilizadas para explicar ou controlar determinado aspecto da realidade econômica. Os modelos econômicos buscam captar a essência de uma estrutura determinada, suas relações internas, sua evolução, os fatores que determinam as mudanças e os caminhos a serem adotados para se manter o equilíbrio do sistema produtivo.

MULTIPLICADOR: termo usado por Keynes para definir o índice de aumento na renda nacional resultante de um dado aumento na quantidade de investimentos. Pelo "efeito multiplicador", um aumento nos investimentos gera um aumento proporcionalmente maior na renda. Assim, se um aumento de investimentos da ordem de R\$ 50 milhões causar um aumento na renda nacional de R\$ 200 milhões, o multiplicador será igual a 4. Uma das identidades fundamentais da macroeconomia keynesiana é a de que o multiplicador é igual ao inverso da propensão marginal a poupar.

MULTIPLICADORES (da economia): parte do princípio de que todos os setores da economia são interdependentes entre si, de forma que o conceito de multiplicador considera que a demanda para a produção de um setor determinado afetará a demanda de outros setores que contém os bens e serviços deste primeiro setor.

O

OCDE: Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Instituição criada em setembro de 1961 em substituição à Organização Européia de Cooperação Econômica (OECE). A inclusão dos Estados Unidos e Canadá e a adoção da ajuda ao desenvolvimento como um dos objetivos justificaram a mudança do nome. Essa entidade é integrada pelos antigos membros da OECE – Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Grécia, Islândia, Irlanda, Itália, Luxemburgo,

Holanda, Noruega, Portugal, Suécia, Suíça e Turquia – mais os Estados Unidos, Canadá, Espanha, Japão, Austrália e Nova Zelândia. A Iugoslávia participa com um *status* especial. Os objetivos da organização são incentivar o crescimento econômico

OFERTA: quantidade de um bem ou serviço que se produz e se oferece no mercado, por determinado preço e em determinado período de tempo.

OFERTA AGREGADA: conhecida também por oferta de mercado ou oferta global, constitui a quantidade de bens e serviços que o conjunto dos ofertantes produz e oferece no mercado por determinado preço e em determinado período de tempo.

P

PIB: Produto Interno Bruto. Refere-se ao valor agregado de todos os bens e serviços finais produzidos dentro do território econômico do país, independentemente da nacionalidade dos proprietários das unidades produtoras desses bens e serviços. Exclui as transações intermediárias, é medido a preços de mercado. (...)

R

REGIÃO: aqui considerado como o conjunto de municípios com relações econômicas, culturais, sociais e históricas e que estejam ligados geograficamente ou em um raio de influência geográfica de municípios maiores – pólos regionais.

S

SERVIÇOS: denominação dada ao conjunto das atividades que se desenvolvem especialmente nos centros urbanos e que são diferentes das atividades industriais e agropecuárias. Tais atividades normalmente enquadram-se no assim chamado setor terciário da economia como o comércio, os transportes, a publicidade, a computação, as telecomunicações, a educação, a saúde, a recreação, o setor financeiro e de seguros e a administração pública. (...)

T

TEOROMETRIA: na verdade duas expressões surgiram para conceituar essa nova atividade científica da economia: Turistometria, proposta por Defert, e Teorometria, termo consagrado (não científico), sugerido por Alcaide, apoiado por outros estudiosos e considerado apropriado, a juízo do Professor Fernandez Galiano, catedrático de Língua Grega da Universidad de Madrid. O professor Galeano considera os termos "apodemos" e "teoros" os mais apropriados para expressar as idéias respectivas de viajantes e dos que viajam para ver. Este último foi adotado por Alcaide para designar a atividade científica que se ocupará da medição do turismo: Teorometria. Que deve ser entendida como uma modalidade da econometria que pretende construir e quantificar modelos para o setor turístico. É uma ciência derivada que também apresenta a característica de interação com outros ramos da Ciência, com a particularidade de empregar como base de análise o método de construção de métodos teóricos, também comum a várias outras ciências. A particularidade é que, no caso do turismo, trata-se com modelos econométricos ou teorométricos.

V

VALOR AGREGADO: em finanças públicas é o total obtido na soma das contas que representam determinado setor. Assim, por exemplo, o produto, a receita e a despesa pública são os agregados mais comumente utilizados e permitem a formação de quadros para uma melhor análise das contas públicas.